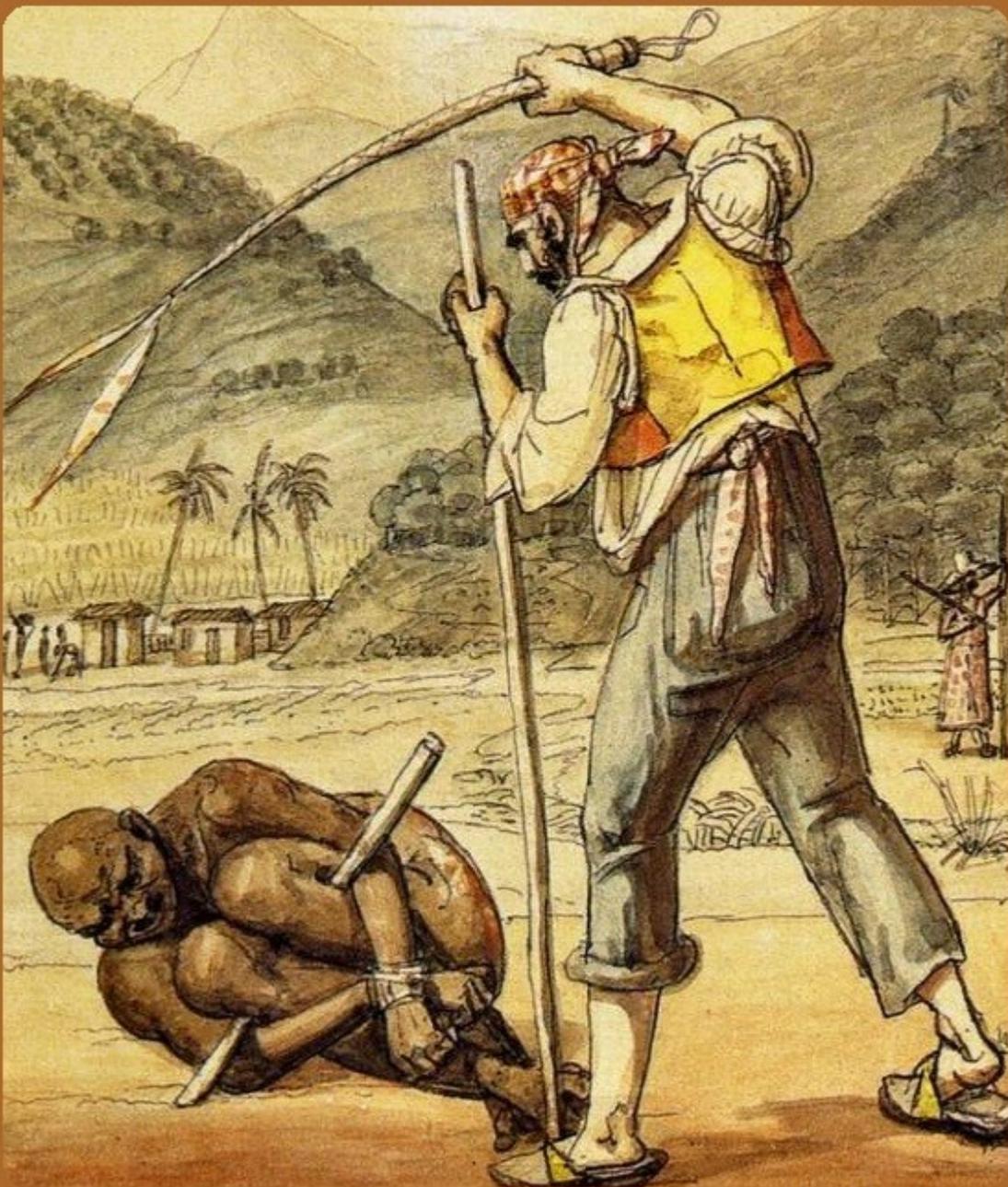


Allan Kardec foi um racista brutal e grosseiro?



Paulo Neto

Allan Kardec foi um racista brutal e grosseiro?

(Refutação)

(Versão 3)

“Continuarei, pois, a fazer todo o bem que puder, mesmo aos meus inimigos, porque o ódio não me cega; e eu lhes estenderia sempre a mão para tirá-los de um precipício, se a ocasião disso se apresentasse.” (ALLAN KARDEC)

“É um fato constatado, que os adversários do Espiritismo dispensaram mil vezes mais força para abatê-lo, sem a isto chegar, do que seus partidários não o empregaram para propagá-lo.” (ALLAN KARDEC)

“O Espiritismo não teme a luz; ele a chama sobre suas doutrinas, porque quer ser aceito livremente pela razão. Longe de temer, pela fé dos Espíritas, a leitura das obras que o combatem, diz: Lede tudo; o pró e o contra, e fazei a escolha com o conhecimento de causa.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2020 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://www.redebrasilatual.com.br/wp-content/uploads/2019/11/escravid%C3%A3o-debret.jpg>

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, jun/2020.

Índice

Introdução.....	4
Allan Kardec e o conceito racista de sua época.....	7
Dados sobre Allan Kardec e o seu pensamento.....	33
Textos do contraditor que serão objeto de nossa análise.....	45
Conclusão.....	95
Referência Bibliográfica.....	99
Ebook e artigos recomendados.....	104
Dados biográficos do autor.....	107

Introdução

“Apelo para todos os adversários de boa-fé e os adjuro a que digam se se deram ao trabalho de estudar o que criticam.”
(ALLAN KARDEC)

É interessante notar que nossos críticos, especialmente os ligados às correntes religiosas tradicionais, na tentativa de desmerecerem o Espiritismo, não medem consequências ao construir seus disparates.

O que percebemos é que o Espiritismo incomoda muito certas pessoas e também determinados grupos religiosos. Por que será que isso acontece? Quando uma coisa não tem nenhum valor, ninguém se preocupa com ela, mas quando se gasta muito tempo, tinta e papel, para tentar derrubar a Doutrina Espírita, é porque os contrários a têm como algo de valor.

Se bem que alguns não seria propriamente por

valor, mas por verem nela um grande perigo. Daí se explicar esse combate sistemático, muito embora explicar não seja justificar. Mas que tipo de perigo é esse? É o perigo de desestruturar a nefasta teologia dogmática, que vem sendo passada de geração a geração, teologia essa usada para manter o “status” de poder para uns e de dinheiro para outros.

E assim se cumpre um famoso ditado: **“Só se atiram pedras em árvore que dá frutos”**.

Em **O Que é o Espiritismo**, Henri Sausse (1851-1928), biógrafo de Allan Kardec, disse:

 Todos sabeis que a nossa cidade se pode honrar, a justo título, de ter visto nascer entre seus muros esse pensador tão arrojado quão metódico, esse filósofo sábio, clarividente e profundo, esse trabalhador obstinado cujo labor sacudiu o edifício religioso do Velho Mundo e preparou os novos fundamentos que deveriam servir de base à evolução e à renovação da nossa sociedade caduca, impelindo-a para um ideal mais são, mais elevado, para um adiantamento intelectual e moral seguros. (1)

 Considerações positivas que são suficientes para retirar da lama, em que quase todos os

detratores do Espiritismo querem jogar o nome de Allan Kardec, já que, por lhes faltarem argumentos suficientes para contestarem o pensamento, buscam atingir a pessoa, como se isso fosse resolver a questão. Conseguir-se-á enganar apenas aos néscios.

Mas, antes de entrar na análise do texto de autoria do Prof. Orlando Fedeli (1933-2010), disponível no site da **Associação Cultural Montfort** (2), devemos colocar algo que pode provar, a todo leitor mais atento, qual é realmente o pensamento de Allan Kardec, para que, daí, cada um possa tirar suas próprias conclusões sobre o que coloca o presente contraditor do Espiritismo.

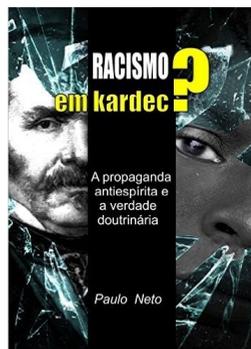
Fica nitidamente claro que o autor se envergonhou em colocar em sua assinatura o título de **Professor**, como o faz em vários outros artigos no site, já que inconscientemente presente que o que faz não cai bem a nenhum educador, pois caluniar é próprio de gente sem qualquer tipo de educação moral.

Allan Kardec e o conceito racista de sua época

“[...] os Espíritos superiores querem que o nosso julgamento se aperfeiçoe em discernir o verdadeiro do falso, o que é racional daquilo que é ilógico.” (ALLAN KARDEC)

Nós, para ser bem sinceros, não concordamos com os que pensam que Allan Kardec esteve preso ao conceito de época, em relação à crença de que os negros seriam seres inferiores, porquanto, em suas obras claramente se vê que ele foi totalmente contra qualquer tipo de preconceito, incluindo o de raça.

Veja, caro leitor, estes trechos que transcrevemos do nosso ebook **Racismo em Kardec?** (ver link ao final), onde desenvolvemos um estudo bem mais profundo desse assunto. Percebemos que, infelizmente,



poucos espíritas conhecem o Codificador sob esta ótica, inclusive, alguns fazem coro com os detratores julgando-o também racista. Ele, os trechos, serão colocados de acordo com a ordem que aparecem no texto do ebook, e, adiantamos que as páginas em referência podem não ser exatamente as citadas, visto que, em alguns casos, tomamos parte dos trechos.

Primeiramente, precisamos transcrever alguns trechos da palestra ***Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia*** proferida, no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB – RJ, acontecido em 05 de novembro de 2003, pelo Dr. Kabengele Munanga, professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, que é citada no ebook:

Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e espacial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum. Em 1684, o francês François Bernier emprega

o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. **Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época**, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se consideravam como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes.

[...].

No século XVIII, batizado século das luzes, isto é, da racionalidade, os filósofos iluministas contestam o monopólio do conhecimento e da explicação concentrado nas mãos da Igreja e os poderes dos príncipes. Eles se recusam a aceitar uma explicação cíclica da história da humanidade fundamentada na idade de “ouro”, para buscar uma explicação baseada na razão transparente e universal e na história cumulativa e linear. Eles recolocam em debate a questão de saber que eram esses outros, recém-descobertos. **Assim lançam mão do conceito de raça já existente nas ciências naturais para nomear**

esses outros que se integram à antiga humanidade como raças diferentes, abrindo o caminho ao nascimento de uma nova disciplina chamada História Natural da Humanidade, transformada mais tarde em Biologia e Antropologia Física.

Por que então, classificar a diversidade humana em raças diferentes? A variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal merece uma explicação científica. **Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo. A classificação é um dado da unidade do espírito humano. [...].**

[...].

Em qualquer operação de classificação, é preciso primeiramente estabelecer alguns critérios objetivos com base na diferença e semelhança. **No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d'água entre as chamadas raças. Por isso, que a espécie humana ficou dividida em três raças estâncias que resistem até hoje no imaginário coletivo e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela.** Ora, a cor da pele é definida pela concentração da melanina. É justamente o grau dessa concentração que define a cor da pele, dos olhos e do cabelo. [...] Os negros da África e os autóctones da Austrália possuem pele escura por causa da concentração da melanina. Porém, nem por isso eles são geneticamente parentes próximos. Da

mesma maneira que os pigmeus da África e da Ásia não constituem o mesmo grupo biológico apesar da pequena estatura que eles têm em comum.

No século XIX, acrescentou-se ao critério da cor outros critérios morfológicos como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do formato do crânio, o ângulo facial, etc. para aperfeiçoar a classificação. O crânio alongado, dito dolicocefalo, por exemplo, era tido como característica dos brancos “nórdicos”, enquanto o crânio arredondado, braquicefalo, era considerado como característica física dos negros e amarelos. Porém, em 1912, o antropólogo Franz Boas observara nos Estados Unidos que o crânio dos filhos de imigrantes não brancos, por definição braquicefalos, apresentavam tendência em alongar-se. O que tornava a forma do crânio uma característica dependendo mais da influência do meio, do que dos fatores raciais.

No século XX, descobriu-se graças aos progressos da Genética Humana, que haviam no sangue critérios químicos mais determinantes para consagrar definitivamente a divisão da humanidade em raças e estâncias. Grupos de sangue, certas doenças hereditárias e outros fatores na hemoglobina eram encontrados com mais frequência e incidência em algumas raças do que em outras, podendo configurar o que os próprios geneticistas chamaram de marcadores genéticos. O cruzamento de todos os critérios possíveis (o critério da cor da pele, os critérios morfológicos e químicos) deu origem a dezenas de raças, sub-raças e sub-sub-raças. As pesquisas comparativas levaram também à conclusão de que os patrimônios genéticos de dois indivíduos pertencentes à uma mesma raça podem ser

mais distantes que os pertencentes à raças diferentes; um marcador genético característico de uma raça, pode, embora com menos incidência ser encontrado em outra raça. Assim, um senegalês pode, geneticamente, ser mais próximo de um norueguês e mais distante de um congolês, da mesma maneira que raros casos de anemia falciforme podem ser encontrados na Europa, etc. **Combinando todos esses desencontros com os progressos realizados na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito aliás cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estâncias. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem.**

A invalidação científica do conceito de raça não significa que todos os indivíduos ou todas as populações sejam geneticamente semelhantes. Os patrimônios genéticos são diferentes, mas essas diferenças não são suficientes para classificá-las em raças. O maior problema não está nem na classificação como tal, nem na inoperacionalidade científica do conceito de raça. Se os naturalistas dos séculos XVIII-XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à classificação dos grupos humanos em função das características físicas, eles não teriam certamente causado nenhum problema à humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. **Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma**

escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto, a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação.

A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudocientífica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana. Gradativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ciência, começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes. Depois foram recuperados pelos nacionalismos nascentes como o nazismo para legitimar as exterminações que causaram à humanidade durante a

Segunda guerra mundial.

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é, natural, é de fato uma categoria etnosemântica. [...].

Alguns biólogos antirracistas chegaram até sugerir que o conceito de raça fosse banido dos dicionários e dos textos científicos. **No entanto, o conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais. Estes, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito, eles justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão.**

[...].

O CONCEITO DE RACISMO

Criado por volta de 1920, o racismo enquanto conceito e realidade já foi objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador comum. Quando utilizamos esse conceito em nosso cotidiano, não lhe atribuímos mesmo conteúdo e significado, daí a falta do consenso até na busca de soluções contra o racismo.

Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da

extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, **o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.** Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. **O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence.** De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.

Mas o racismo e as teorias que o justificam não caíram do céu, eles têm origens mítica e histórica conhecidas. A primeira origem do racismo deriva do mito bíblico de Noé, do qual resulta a primeira classificação, religiosa, da diversidade humana entre os três filhos de Noé, ancestrais das três raças: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). [...] **A Segunda origem do racismo tem uma história conhecida e inventariada, ligada ao modernismo**

ocidental. Ela se origina na classificação dita científica derivada da observação dos caracteres físicos (cor da pele, traços morfológicos). Os caracteres físicos foram considerados irreversíveis na sua influência sobre os comportamentos dos povos. Essa mudança de perspectiva foi considerada como um salto ideológico importante na construção da ideologia racista, pois passou-se de um tipo de explicação na qual o Deus e o livre arbítrio constitui o eixo central da divisão da história humana, para um novo tipo, no qual a Biologia (sob sua forma simbólica) se erige em determinismo racial e se torna a chave da história humana.

[...].

A concepção do racismo baseada na vertente biológica começa a mudar a partir dos anos 70, graças aos progressos realizados nas ciências biológicas (genética humana, bioquímica, biologia molecular) e que fizeram desacreditar na realidade científica da raça. Assiste-se então ao deslocamento do eixo central do racismo e ao surgimento de formas derivadas tais como racismo contra mulheres, contra jovens, contra homossexuais, contra pobres, contra burgueses, contra militares, etc. Trata-se aqui de um racismo por analogia ou metaforização, resultante da biologização de um conjunto de indivíduos pertencendo a uma mesma categoria social. É como se essa categoria social racializada (biologizada) fosse portadora de um estigma corporal. **Temos nesse caso o uso popular do conceito de racismo, qualificando de racismo qualquer atitude ou comportamento de rejeição e de injustiça social.**

Esse uso generalizado do racismo pode constituir

uma armadilha ideológica, na medida em que pode levar à banalização dos efeitos do racismo, ou seja, a um esvaziamento da importância ou da gravidade dos efeitos nefastos do racismo no mundo. Por que os negros se queixam tanto, pois afinal não são as únicas vítimas do racismo (?), indagariam os indivíduos motivados por essa lógica de banalização. Em consequência, o racismo com seus múltiplos usos e suas numerosas lógicas se torna tão banal que é usado para explicar tudo. Mas o deslocamento mais importante do eixo central do racismo pode ser observado bem antes dos anos 70, a partir de 1948, com a implantação do *apartheid* na África do sul. O *apartheid* (palavra do Afrikans), foi oficialmente definido como um projeto político de desenvolvimento separado, baseado no respeito das diferenças étnicas ou culturais dos povos sul-africanos. Um projeto, certamente fundamentado no multiculturalismo político e ideologicamente manipulado. Observa-se também que é em nome do respeito das diferenças e da identidade cultural de cada povo que o racismo se reformula e se mantém nos países da Europa ocidental contra os imigrantes dos países árabes, africanos e outros dos países do Terceiro mundo, a partir dos anos 80. **Já no fim do século passado e início deste século, o racismo não precisa mais do conceito de raça no sentido biológico para decretar a existência das diferenças insuperáveis entre grupos estereótipos.** Além da essencialização somático-biológica, o estudo sobre o racismo hoje deve integrar outros tipos de essencialização, em especial a essencialização histórico-cultural. Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O

difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam em nossas representações e imaginários coletivos. **Enquanto o racismo clássico se alimenta na noção de raça, o racismo novo se alimenta na noção de etnia definida como um grupo cultural, categoria que constitui um lexical mais aceitável que a raça** (falar politicamente correto). ⁽³⁾ (Informamos que nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Essa visão, logo no início desse nosso texto, servirá para um correto posicionamento dos que, porventura, irão ter a oportunidade de lê-lo. Ajudará, acreditamos, sobremaneira, a compreensão do problema e a percepção de que muito do que se fala por aí, em relação a ser racista, nada tem a ver com a verdade.

Agora sim, vamos transcrever alguns trechos de ***Racismo em Kardec?***, que nos revelará a posição de Allan Kardec sobre o tema.

Em 1828, Allan Kardec publica o *Plano proposto para a melhoria da Educação Pública*; portanto, contava apenas 24 anos, mas já lhe sobressaía o caráter de educador. Vejamos o seguinte trecho da citada obra:

Ora, que se examine o interior das famílias e que se calcule a multidão de lamentáveis impressões que as crianças estão em condições de receber, frequentemente desde o berço, seja por fraqueza materna, seja por maus exemplos e por maus conselhos de domésticos, seja por uma infinidade de circunstâncias; que se examine em seguida a organização da maior parte das casas de educação e a quantidade infinita de impressões perniciosas, que resultam ou da própria organização, ou da imperícia, da ignorância, da brutalidade das pessoas que se empregam para colaborar na educação; desta multidão de empregados subalternos que saindo de suas aldeias[*] creem saber educar os homens e fazer deles notáveis cidadãos, porque sabem um pouco de latim; sem contar as frequências perigosas e sobretudo os costumes depravados que são, comumente nessas casas, o resultado da negligência ou da imprevidência e que fazem os estragos mais terríveis. [...].

[*] Certamente, não está no meu pensamento, nem nos meus princípios, desprezar ninguém, e menos ainda de rebaixar o nascimento de quem quer que seja, pois nenhuma classe tem o privilégio exclusivo de dar à sociedade homens estimáveis; minha observação não aponta pois para a condição em si mesma, mas para o vazio que esta condição pode deixar no professor, se este não puder preenchê-lo por si mesmo. (N.A.). (4)

Allan Kardec, em nota, esclarece o seu pensamento, de forma que é fácil perceber que a sua formação não lhe permitia discriminar as pessoas, por motivo nenhum, fato não levado em conta pelos detratores do Espiritismo, uma vez que pouco ou nada sabem sobre ele.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, **sem distinção de raças, nem de crenças**, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam. ⁽⁵⁾ (itálico do original)

De dois povos que tenham chegado ao mais alto grau da escala social, somente pode considerar-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência possa desenvolver-se com maior liberdade; **onde os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos arraigados, porque tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis não consagram nenhum privilégio e sejam as mesmas para todos**, tanto para o último, como para o primeiro; onde a justiça se exerça com menos parcialidade; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a

vida do homem, suas crenças e opiniões sejam mais bem respeitadas; onde haja menos infelizes; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de não lhe faltar o necessário. ⁽⁶⁾

Estar-se-ia em erro considerando-se a Sociedade de Paris como uma reunião exclusivamente aristocrática, porque ela conta mais de um proletário em seu seio; acolhe todos os devotamentos à causa que sustenta, que venham do alto ou do baixo da escala social; o grande senhor e o artesão se dão a mão fraternalmente. Há algum tempo, ao casamento de um de nossos colegas, trabalhador também, assistiam um alto dignatário estrangeiro e a princesa sua mulher, ambos membros da Sociedade, que não tinham acreditado derogar vindo sentar-se lado a lado com os outros assistentes, embora o luxo da cerimônia, celebrada numa capela obscura de uma opulenta paróquia, estivesse reduzida à sua mais simples expressão. É que o **Espiritismo**, sem cogitar uma igualdade quimérica, sem confundir as classes, sem pretender fazer passar todos os homens sob o mesmo nível social impossível, **fá-los apreciar de um outro ponto de vista do que o prisma fascinante do mundo; ensina que o pequeno pode ter sido grande sobre a Terra, que o grande pode tornar-se pequeno**, e que no reino celeste as classes terrestres não são contadas por nada. Assim é que, **destruindo logicamente os preconceitos sociais de castas e de cor, conduz à verdadeira fraternidade.** ⁽⁷⁾

O **Espiritismo**, com efeito, é um laço fraternal que deve conduzir à prática da caridade cristã todos aqueles que o compreendam em sua essência, porque tende a **fazer desaparecer os sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme que dividem os homens**; mas essa fraternidade não é a de uma seita; para ser segundo os divinos preceitos do Cristo, **ela deve abraçar a Humanidade toda, porque todos os homens são os filhos de Deus**; se alguns estão afastados, ele manda lamentá-los; proíbe odiá-los. Amai-vos uns aos outros, disse Jesus; não disse: Amai aqueles que pensam como vós; por isso, quando os nossos adversários nos atiram pedras, não devemos nunca lhes devolver as maldições: esses princípios serão sempre daqueles que os professam, de homens que não procurarão nunca na desordem e no mal do seu próximo, a satisfação de seus interesses ou de suas paixões. ⁽⁸⁾

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a **injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte**, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o **da igualdade dos direitos sociais** e, por conseguinte, o da liberdade. ⁽⁹⁾

Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, refreando as paixões más; somente esse progresso pode fazer **que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade**. Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que **fará caíam os preconceitos de casta e se caíem os antagonismos de seitas**, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos. ⁽¹⁰⁾

Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. **Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família**; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles **suprimem as barreiras que os separavam** e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para as justas pacíficas da inteligência. ⁽¹¹⁾

Não creiais, senhores, que esta espontaneidade que vos levou a vos reunir aqui seja um fato puramente pessoal; esta reunião, disso não duvideis, tem um caráter pessoal e providencial; uma vontade superior a provocou; mãos invisíveis a isso vos impeliram, com o vosso desconhecimento e talvez um dia ela marcará nos fatos do Espiritismo. Possam nossos irmãos futuros se lembrarem deste dia memorável em que os Espíritas lioneses, dando o exemplo de união e de concórdia, colocaram, nesses novos banquetes o primeiro passo da aliança que deve existir entre os Espíritas de todos os países do mundo; porque **o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos da cor.** O Espiritismo, alargando o círculo da família pela pluralidade das existências, **estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional do que aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porque esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eternos.** Esses laços, uma vez bem compreendidos, influirão pela força das coisas, sobre as relações sociais, e mais tarde sobre a legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade; **então ver-se-á desaparecer essas anomalias que chocam os homens de bom senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de**

hoje. Mas isto é obra do tempo, deixemos a Deus o cuidado de fazer chegar cada coisa à sua hora; esperemos tudo de sua sabedoria e agradeçamo-lo somente por nos ter permitido assistir à aurora que se eleva para a Humanidade, e de nos ter escolhido como os primeiros pioneiros da grande obra que se prepara. Que ele se digne derramar a sua bênção sobre esta assembleia, a primeira onde os adeptos do Espiritismo estão reunidos em tão grande número, num sentimento de verdadeira confraternização.

Digo verdadeira confraternização, porque tenho a íntima convicção de que todos aqui presentes, não trazem nenhuma outra; mas não duvideis que numerosas coortes de Espíritos estão aqui entre nós, que nos escutam neste momento, espiam todas as nossas ações, e sondam os pensamentos de cada um, investigando sua força ou sua fraqueza moral. Os sentimentos que os animam são bem diferentes; se uns estão felizes com esta união, outros, crede-o bem, estão horripelantemente enciumados com ela; saindo daqui, vão tentar semear a discórdia e a desunião; cabe-vos a todos vós, bons e sinceros Espíritas, provar-lhes que perdem seu tempo, e que se enganam crendo encontrar aqui corações acessíveis às suas pérfidas sugestões. Invocai, pois, com fervor a assistência de vossos anjos guardiães, a fim de que afastem de vós todo pensamento que não seria para o bem; ora, como o mal não pode ter a sua fonte no bem, o simples bom senso nos diz que todo pensamento mau não pode vir de um bom Espírito, e **um pensamento é necessariamente mau quando é contrário à lei**

de amor e de caridade; quando ele tem por móvel a inveja e o ciúme, o orgulho ferido, ou mesmo uma pueril suscetibilidade de amor-próprio melindrado, irmão gêmeo do orgulho, que levaria a olhar seus irmãos com desdém. Amor e caridade para todos, disse o Espiritismo; amarás a teu próximo como a ti mesmo, disse o Cristo: isto não é sinônimo? ⁽¹²⁾

Admira-se, frequentemente, que a doutrina da reencarnação não haja sido ensinada na América, e os incrédulos não deixaram de nisso se apoiar para acusar os Espíritos de contradição. Não repetiremos aqui as explicações que demos, e que publicamos, sobre esse assunto, nos limitaremos a lembrar que nisso os Espíritos mostraram a sua prudência habitual opiniões; o ponto essencial era a adoção do princípio, e para isso não quiseram estar embaraçados em nada; não ocorria o mesmo em todas as suas consequências, e sobretudo da **reencarnação, que se chocaria contra os preconceitos da escravidão e da cor.**

A ideia de que o negro poderia tornar-se um branco; que um branco poderia ter sido negro; que um senhor pudera ser escravo; pareceu de tal modo monstruosa que bastou para fazer rejeitar o todo; os Espíritos, pois, preferiram sacrificar, momentaneamente, o acessório ao principal, e sempre dissemos que, mais tarde, a unidade se faria sobre este ponto como sobre todos os outros. Foi, com efeito, o que começou a ocorrer: várias pessoas do país nos disseram que essa doutrina encontra ali, agora, numerosos partidários; que certos Espíritos, depois de tê-la

feito presentir, vêm confirmá-la. [...]. (13)

Nós, **nós trabalhamos para** dar a fé àqueles que não creem em nada; a **difundir uma crença que torna os homens melhores uns para com os outros**, que lhes ensina a perdoar seus inimigos, a **se olharem como irmãos sem distinção de raças, de castas, de seitas, de cor, de opinião política ou religiosa**; uma crença, em uma palavra, que faz nascer o verdadeiro sentimento da caridade, da fraternidade e dos deveres sociais. [...]. (14)

Nos Estados Unidos, o dogma da reencarnação viria a se chocar contra os preconceitos de cor, tão profundamente enraizados nesse país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível e do mundo invisível; as questões de detalhe deveriam vir em outro tempo. Ora, não é duvidoso que esse obstáculo acabará por desaparecer e que um dos resultados da guerra atual será o enfraquecimento gradual dos preconceitos que são uma anomalia numa nação tão liberal.

Se a ideia da reencarnação não é ainda aceita nos Estados Unidos de maneira geral, o é individualmente por alguns, senão como princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. (15)

Um tal prodígio, mesmo fazendo uma larga parte ao exagero, seria o mais eloquente discurso de **defesa em favor da reabilitação da raça**

negra, num país onde o preconceito da cor está tão enraizado; e, se não pode ser explicado pelas leis conhecidas da ciência, o será de maneira mais clara e mais racional pela da reencarnação, não de um negro num negro, mas de um branco num negro, porque uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão a lembrança intuitiva de conhecimentos adquiridos numa existência anterior.

Mas, então, dir-se-á, isso seria uma queda do Espírito de passar da raça branca para a raça negra? Queda de posição social, sem dúvida, o que se vê todos os dias, quando, de rico se nasce pobre, ou de senhor servidor, mas não retrocesso do Espírito, uma vez que teria conservado suas aptidões e suas aquisições. Essa posição seria para ele uma prova ou uma expiação; talvez mesmo uma missão, a fim de provar que essa raça não está votada pela Natureza a uma inferioridade absoluta. Raciocinamos aqui na hipótese da realidade do fato, e pelos casos análogos que poderiam se apresentar. ⁽¹⁶⁾

As reflexões que fizemos a propósito da menina de Toulon se aplicam naturalmente a Tom, o cego. Tom deve ser um grande músico ao qual basta ouvir para estar no caminho daquilo que soube. **O que torna o fenômeno mais extraordinário é que se apresenta num negro, escravo e cego, tríplice causa que se oporia à cultura de suas aptidões nativas, e apesar da qual elas se manifestaram na primeira ocasião favorável, como um grão germina aos raios do sol. Ora,**

como a raça negra, em geral e sobretudo no estado de escravidão, não brilha pela cultura das artes, disto é preciso concluir que o Espírito de Tom não pertence a essa raça; mas que nela se encarnou, seja como expiação, seja como meio providencial de reabilitação desta raça na opinião, mostrando do que ela é capaz.

Muito se disse e muito se escreveu contra a escravidão e o preconceito de cor; tudo o que se disse é justo e moral; mas não era senão uma tese filosófica. A lei de pluralidade das existências e da reencarnação vem acrescentar-lhe a irrefutável sanção de uma lei da Natureza que consagra a fraternidade de todos os homens. Tom, o escravo, nascido e aclamado na América, é um pretexto vivo contra os preconceitos que reinam ainda naquele país. (17)

O progresso intelectual realizado até este dia, nas vastas proporções, é um grande passo, e marca a primeira fase da Humanidade, mas sozinho é impotente para regenerá-la; enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em proveito de suas paixões e de seus interesses pessoais; é por isso que os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar aos outros e de se entre destruírem.

Só o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra, colocando um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar entre eles a concórdia, a paz, a fraternidade. Será ele que abaixará as barreiras

dos povos, que fará tombar os preconceitos de casta, e calar os antagonismos de seitas, ensinando aos homens a se olharem como irmãos, chamados para se entre ajudarem e não viverem às expensas uns dos outros. Será ainda o progresso moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença, estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas à discussão e, por isto mesmo, aceitas por todos. **A unidade de crença será o laço mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, quebrado em todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigos que é preciso fugir, combater, exterminar, em lugar de irmãos que é preciso amar.**

Um tal estado de coisas supõe uma mudança radical nos sentimentos das massas, um progresso geral que não poderia se realizar senão saindo do círculo das ideias estreitas e terra-a-terra que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de elite procuraram conduzir a Humanidade nesse caminho; mas a Humanidade, embora muito jovem, permaneceu surda, e seus ensinamentos foram como a boa semente caída sobre a pedra. Hoje, ela está madura para levar seus olhares mais alto do que ela não o fez, para assimilar as ideias mais amplas e compreender o que não tinha compreendido. A geração que desaparece levará com ela seus preconceitos e seus erros; a geração que se levanta, temperada numa fonte mais depurada, imbuída de ideias mais

sadias, imprimirá ao mundo o movimento ascensional no sentido do progresso moral, que deve marcar a nova fase da Humanidade. Esta fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, pelas ideias grandes e generosas que vêm à luz e que começam a encontrar ecos. Assim é que se vê se fundar uma multidão de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o impulso e pela iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se impregnam cada dia de um sentimento mais humano. **Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a se olhar como os membros de uma grande família; pela uniformidade e a facilidade dos meios de transação, suprimem as barreiras que os dividiam de todas as partes do mundo, se reúnem em comícios universais pelos torneios pacíficos da inteligência.** Mas falta a essas reformas uma base para se desenvolver, se completar e se consolidar, uma predisposição moral mais geral para frutificar e se fazer aceitas pelas massas.

Este não é menos um sinal característico do tempo, o prelúdio daquilo que se realizará sobre uma mais vasta escala, à medida que o terreno se tornar mais propício. (18)

E aqui terminamos as transcrições do nosso texto do ebook ***Racismo em Kardec?***.

A quem teve o trabalho de pesquisar, fica clara a posição de Allan Kardec, que, em hipótese alguma, se coadunava com qualquer tipo de discriminação pela qual se pudesse separar os homens. Percebe-se também que ele destaca muito mais o valor do Espírito, que o corpo físico com o qual ele se encontra, temporariamente, revestido.

Além dos artigos de vários estudiosos espíritas (ver links ao final), também recomendamos a todos o nosso ebook citado, porquanto, os textos de Allan Kardec que, geralmente, são usados para tê-lo à conta de um racista, são, um a um, analisados por nós. Fizemos isso tomando como premissa básica o pensamento dele, sintetizado nos trechos que transcrevemos nesse pequeno resumo.

Dados sobre Allan Kardec e o seu pensamento

Talvez seja interessante apresentar algo sobre sua formação, para isso tomaremos de **Obras Póstumas**.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça), tornou-se um dos discípulos mais eminentes desse célebre professor, e um dos zelosos propagandistas do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha.

Dotado de notável inteligência e atraído para o ensino, pelo seu caráter e pelas suas aptidões especiais, já aos catorze anos ensinava o que sabia àqueles dos seus condiscípulos que haviam aprendido menos do que ele. Foi nessa escola que lhe desabrocharam as ideias que deveriam mais tarde o colocariam na classe dos homens progressistas e dos livres-pensadores.

[...].

De 1835 a 1840, fundou, em sua casa, à rua Sèvres, cursos gratuitos de Química, Física, Anatomia comparada, Astronomia, etc., empresa digna de encômios em todos os tempos, mas, sobretudo, numa época em que só um número muito reduzido de inteligências ousava enveredar por esse

caminho. ⁽¹⁹⁾

Será que alguém com essa formação que recebeu e que tinha a preocupação de ensinar gratuitamente a outras pessoas o seu saber, teria uma personalidade racista?

De ***Vida e Obra de Allan Kardec***, autoria de Andre Moreil (?-?), transcrevemos:

A Escola de Pestalozzi

Yverdun é um ponto de reunião para as crianças do mundo inteiro. É a escola do universalismo, da fraternidade das crianças que se tornarão, por sua vez, homens cheios de responsabilidade. Pestalozzi é o tipo de Educador atento, o Mestre severo e suave ao mesmo tempo, justo e caridoso. Em sua doutrina e seu exemplo, Rivail encontrou o modelo do homem íntegro que ele mesmo foi e que se tornou, também, o ideal da moral espírita.

[...].

Com efeito, foi em Yverdun e graças a Pestalozzi que Kardec aprendeu o justo sentido da educação, que deve ser ao mesmo tempo paternal e liberal. Já se disse, muito justamente, que a doutrina espírita é de suave severidade. É também esse o caráter do método de ensino ideado por Pestalozzi. As crianças formam ali uma grande família. Essa família torna-se assim o modelo dos

espíritas, pois é universal.

De fato, a escola de Pestalozzi abre as portas aos alunos do mundo inteiro, por cima das diferenças de língua, de civilização, de raça ou de crença. Recebe crianças vindas da França, como Rivail, dos cantões suíços, mas também da Alemanha, do Hânover, de Saxe, da Prússia, da Rússia, do reino de Nápoles, da Espanha e da América. Percebe-se assim a vantagem dessa educação, que inculca à criança o sentimento da igualdade humana, da fraternidade e da tolerância. É aí que Allan Kardec, nessa família do coração, aprende os principais princípios morais do espiritismo... ⁽²⁰⁾

Observar que no meio em que foi educado não existia nenhum tipo de racismo, por que então um discípulo aplicado de Pestalozzi seria um racista?

A jornalista Dora Incontri, com mestrado, doutorado e, em fase de conclusão, pós-doutorado em Educação, na USP, em seu livro ***Para Entender Kardec***, nos traz um fato interessante que muito precisamente nos dará uma ideia precisa do verdadeiro seu caráter. Vejamos:

[...] É bom lembrar que, na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, havia um Camille Flammarion, astrônomo, e um calceteiro (operário

braçal que fazia as calçadas de Paris, de quem Kardec noticia a morte) e ambos eram membros da Sociedade. (21)

Isso é característica de uma pessoa racista?

Para clarear mais ainda essa questão, de Allan Kardec ser racista, colocaremos alguns trechos das obras **Revista Espírita 1861**, **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, **A Gênese** e **Obras Póstumas**, respectivamente, que, por certo, evidenciará qual é verdadeiramente a sua maneira de pensar.

[...] Possam nossos irmãos futuros se lembrarem deste dia memorável em que os Espíritas lioneses, dando o exemplo de união e de concórdia, colocaram, nesses novos banquetes o primeiro passos da aliança que existir entre os Espíritas de todos os países do mundo; porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, **apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais ó o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos de cor. O Espiritismo**, alargando o círculo da família pela pluralidade das existências, **estabelece entre os**

homens uma fraternidade mais racional do que aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porque esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eterno. Esses laços, uma vez bem compreendidos, influirão pela força das coisas, sobre as relações sociais, e mais tarde sobre a Legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade; então **ver-se-á desaparecerem essas anomalias que chocam os homens de bom senso**, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje. [...]. (22)

O homem de bem

O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem *que podia*, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem.

Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria. Sabe que sem a Sua permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas.

Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, **toma a defesa do fraco contra o forte**, e sacrifica sempre seus interesses à justiça.

Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. **Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si**, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam.

Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece

as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado lhe será conforme houver perdoado.

É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: “Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado”.

Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para poder dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera.

Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros.

Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante

Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram.

O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, nº. 9.).

Finalmente, **o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus.**

Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz. ⁽²³⁾

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. **Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.** ⁽²⁴⁾

Somente o progresso moral pode assegurar aos

homens a felicidade na Terra, refreando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade.

Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará caíam os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros.

Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos.

A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos, pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados. ⁽²⁵⁾.

Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão

apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. **Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família;** pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para as justas pacíficas da inteligência. ⁽²⁶⁾

Com efeito, suponhamos uma sociedade de homens bastante desinteressados, bons e benevolentes para viverem, entre si, fraternalmente, não haveria entre eles nem privilégios nem direitos excepcionais, sem o que não haveria ali fraternidade. **Tratar alguém como irmão, é tratá-lo de igual para igual; é querer-lhe o que desejaria para si mesmo; num povo de irmãos,** a igualdade será a consequência de seus sentimentos, de sua maneira de agir, e se estabelecerá pela forças das coisas. Mas qual o inimigo da igualdade: É o orgulho. O orgulho, que, por toda a parte, quer primar e dominar, que vive de privilégios e de exceções, pode suportar a igualdade social, mas não a fundará jamais e a destruirá na primeira ocasião. Ora, sendo o orgulho, ele também, uma das pragas da sociedade, enquanto não for destruído, oporá uma barreira à verdadeira igualdade. ⁽²⁷⁾

Fora da caridade não há salvação.

Estes princípios, para mim, não existem apenas em teoria, pois que os ponho em prática; faço tanto bem quanto o permite a minha posição; presto

serviço quanto posso; **os pobres nunca foram repelidos de minha porta, ou tratados com dureza**; foram recebidos sempre, a qualquer hora, com a mesma benevolência; jamis me queixei dos passos que hei dado para fazer um benefício; pais de família têm saído da prisão, graças aos meus esforços. Certamente, não me cabe inventariar o bem que já pude fazer; mas, do momento em que parecem esquecer tudo, é-me lícito, creio, trazer à lembrança que **a minha consciência me diz que não fiz mal a ninguém, que hei praticado todo o bem que esteve ao meu alcance**, e isto, repito-o, sem me preocupar com a opinião de quem quer que seja.

A esse respeito trago tranquila a consciência; e a ingratidão com que me hajam pago em mais de uma ocasião não constituirá motivo para que eu deixe de praticá-la. A ingratidão é uma das imperfeições da Humanidade e, como nenhum de nós está isento de censuras, é preciso desculpar os outros, para que nos desculpem a nós, de sorte a podermos dizer como Jesus Cristo: “atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”. Continuarei, pois, a fazer todo o bem que me seja possível, mesmo aos meus inimigos, **porquanto o ódio não me cega**. Sempre lhes estenderei a mão para tirá-los de um precipício, se se oferecer oportunidade.

Eis como entendo a caridade cristã. Compreendo uma religião que nos prescreve retribuamos o mal com o bem e, com mais forte razão, que retribuamos o bem com o bem. Nuna, entretanto, compreenderia a que nos prescrevesse

que paguemos o mal com o mal. (*Pensamentos íntimos de Allan Kardec; num documento achado os seus papéis*). ⁽²⁸⁾

Não obstante todos estes elevados predicados morais, vejamos o que nos coloca um desses críticos, em seu texto.

Textos do contraditor que serão objeto de nossa análise

Toda a fala do crítico, que será objeto de análise, nós a colocaremos em destaque, por sombreamento, para facilitar a sua identificação nesse nosso texto.

ALLAN KARDEC, UM RACISTA BRUTAL E GROSSEIRO.

Orlando Fedeli

É bem sabido que o darwinismo suscitou uma grande onda racista. Pois se a luta pela sobrevivência causava a seleção das espécies, a luta entre as raças causaria o aperfeiçoamento da espécie. Assim, o nazismo foi um dos efeitos do darwinismo.

O que, porém se deixa à sombra, é a influência do darwinismo no racismo de Allan Kardec, o fundador do espiritismo “moderno”.

Interessante a tentativa do crítico em relacionar o darwinismo com onda racista, para ao final relacioná-lo a Allan Kardec. Será que essa

grande onda racista também não ocorreu como resultado das cruzadas ou da inquisição? Querer implantar uma só religião no mundo, a pretexto de ser a única verdadeira, nem que seja a custa de ferro e fogo, não seria um “nazismo religioso”?

Se Allan Kardec realmente fosse um racista, como pretende o opositor, ele o seria quem sabe pela sua orientação religiosa, pois somente após meio século de existência é que veio a estudar as manifestações dos espíritos, origem dos princípios da Doutrina Espírita. Adivinhe qual era a religião dele? Aguarde um pouco que iremos lhe dizer.

Kardec, cujo verdadeiro nome era Hypolite Léon Dénizard Rivail, foi um homem que aprendeu bem mal a Gnose típica das sociedades secretas a que pertenceu. Nessas sociedades do século XIX, se ensinava uma doutrina mais ou menos influenciada pelo romantismo, doutrina em geral originada do cabalista Jacob Boehme. Se Kardec aprendeu mal essa doutrina teosófica e romântica, ensinou-a pior ainda. Daí nasceu o sistema gnóstico grosseiro e cheio de contradições do espiritismo moderno.

Gostaríamos que nos fosse apresentada a relação das sociedades secretas de que Allan Kardec

fez parte, indicada, obviamente a fonte de consulta.

Quanto da refutação de outro texto de Orlando Fedeli, intitulado “*Reencarnação, argumentos católicos contra os fundamentos do Espiritismo*”, nós, em resposta, publicamos o ebook **Reencarnação, Argumentos Católicos Contrários** ⁽²⁹⁾, onde respondemos essa questão de relacionar Espiritismo com a gnose. Para economia, não voltaremos ao assunto, entretanto, sugerimos aos interessados que leiam o nosso ebook mencionado.

Ainda poderemos acrescentar que até o ano de 1854, aos seus cinquenta anos, Allan Kardec era católico, daí podemos dizer que o seu caráter foi formado no meio católico. Assim se algo de ruim existiu em sua personalidade, como quer a má-fé desse nosso crítico, a culpa não é do Espiritismo, não é mesmo?

Lendo os livros de Kardec, tem-se a impressão de ler textos de um aluno de ginásio que, não tendo compreendido bem a lição que recebeu, e com presunção própria aos ignorantes, escreve obras sem nexos, contraditórias e mal feitas. O

resultado é uma Gnose de “basse cour”, isto é, uma “gnose de galinheiro”.

Por ela se passa pisando como em “lama” pseudo intelectual.

As circunstâncias de agora nos obriga a colocar mais um pouco da biografia de Allan Kardec. Em **Que é o Espiritismo**, disse-nos Henri Sausse:

Rivail Denizard fez em Lião os seus primeiros estudos e completou em seguida a sua bagagem escolar, em Yverdun (Suíça), com o célebre professor **Pestalozzi**, de quem cedo se tornou um dos mais eminentes **discípulos**, colaborador inteligente e dedicado. Aplicou-se, de todo o coração, à propaganda do sistema de educação que **exerceu tão grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha**. Muitas vezes, quando **Pestalozzi** era chamado pelos governos, um pouco de todos os lados, para fundar institutos semelhantes ao de Yverdun, **confiava a Denizard Rivail o encargo de o substituir na direção da sua escola**. [...] Era **bacharel em letras e em ciências e doutor em medicina**, tendo feito todos os estudos médicos e defendido brilhantemente sua tese. Linguista insigne, conhecia a fundo e **falava corretamente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol; conhecia também o holandês**, e podia facilmente exprimir-se nesta língua.

[...] Organizou também em sua casa, à rua de Sèvres, cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada, de 1835 a 1840, e que eram muitos frequentados.

Membro de várias sociedades sábias, notadamente da Academia real d'Arras, foi premiado, por concurso, em 1831, pela apresentação da sua notável memória: **Qual o sistema de estudo mais em harmonia com as necessidades da época?**.

Dentre as suas numerosas obras convém citar, por ordem cronológica: **Plano apresentado para o melhoramento da instrução pública**, em 1828; em 1829, segundo o método de Pestalozzi, ele publicou, para uso das mães de família e dos professores, o **Curso prático e teórico de aritmética**; em 1831 fez aparecer a **Gramática francesa clássica**; em 1846 o **Manual dos exames para obtenção dos diplomas de capacidade**, soluções racionais das questões e problemas de aritmética e geometria; em 1848 foi publicado o **Catecismo gramatical da língua francesa**; finalmente, em 1849, encontramos o Sr. Rivail professor no Liceu Polimático, regendo as cadeiras de Fisiologia, Astronomia, Química e Física. Em uma obra apreciada resume seus cursos, e depois publica: **Ditados normais dos exames na Municipalidade e na Sorbona; Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas**.

Tendo sido essas diversas obras adotadas pela Universidade de França, [...] Seu nome era conhecido e respeitado, seus trabalhos justamente

apreciados, muito antes que ele imortalizasse o nome de Allan Kardec. ⁽³⁰⁾.

Se Allan Kardec “*fez textos para alunos de ginásio*” e “*é pseudo-intelectual*” que dirá do nosso crítico, pois, até onde sabemos, não contribuiu em nada para educação brasileira, se o fez é tão irrelevante que nunca ouvimos falar dele.

Os dados que apresentamos acima são suficientes para ver que o nosso crítico é quem quer jogar lama em cima do autor, cuja obra não tem competência para contra-argumentar.

Encontramos no blog ***História do Espiritismo***, algo que vem justamente provar que o nosso crítico age por desespero de causa:

Carta de Victorien Sardou a Allan Kardec

Agradeço-vos, Sr., a presteza que empregastes em me remeter *O Livro dos Espíritos*.

Eu tinha ânsia de lê-lo e deixei de lado todas as ocupações para entregar-me a essa leitura. Já cheguei quase no fim e posso desde já formular minha opinião sobre essa obra:

É o livro mais interessante e mais instrutivo que tenho lido. É impossível que ele não tenha grande

repercussão: todas as grandes questões da metafísica, de moral, ali estão elucidadas de maneira mais satisfatória: todos os grandes problemas ali são resolvidos, mesmo aqueles que os mais ilustres filósofos não resolveram: é o livro da vida, é o livro da humanidade.

Recebei, Sr., meus cumprimentos pela maneira como classificastes e coordenastes os materiais fornecidos pelos próprios Espíritos: tudo é perfeitamente metódico, tudo se encadeia bem e vossa introdução é uma obra-prima de lógica, de discussão e de exposição.

Recebei Sr.

Victorien Sardou. ⁽³¹⁾

O teor dessa carta fala por si.

Ficamos a pensar: por que será que o Espiritismo tem atraído tanta gente? No censo 2002, o IBGE constatou que onde existe relativamente a maior quantidade de pessoas com maior tempo de estudo é justamente no Espiritismo.

Do que se conclui que é entre os Espíritas que há o maior contingente de pessoas portadoras de curso superior. São eles, por ironia do destino, os *“alunos do ginásio”* que estudam Allan Kardec?

Pois lendo – com repugnância – o livro **A Gênese** de Allan Kardec (Ed. Lake, São Paulo, 1ª edição, comemorativa do 300º aniversário dessa obra) pode-se encontrar o seguinte texto, escandalosamente racista, do fundador do espiritismo moderno:

“O progresso não foi, pois, uniforme em toda a espécie humana; as raças mais inteligentes naturalmente progrediram mais que as outras, sem contar que os Espíritos, recentemente nascidos na vida espiritual, vindo a se encarnar sobre a Terra desde que chegaram em primeiro lugar, tornam mais sensíveis a diferença do progresso (sic!). Com efeito, seria impossível atribuir a mesma antiguidade de criação **aos selvagens que mal se distinguem dos macacos**, que aos chineses, e ainda menos aos europeus civilizados”. (Allan Kardec, **A Gênese**, ed. cit. p. 187, o sublinhado e o negrito são meus).

Kardec afirma aí o mais grosseiro e brutal racismo.

Por ter lido com “repugnância”, o prof. Fedeli não conseguiu entender as colocações de Allan Kardec. Um crítico sério leria com maior atenção para não falar inverdades; não estamos tratando com um desse naipe, mas com alguém que faz da calúnia sua arma de combate.

Quanto à questão de mal se distinguir dos

macacos, devemos informar que na Academia Nacional de Ciências dos EUA, Goodman e sua equipe compararam 97 genes de humanos, chimpanzés, gorilas, orangotangos e outros macacos e descobriram que o grau de semelhança, nas regiões do DNA analisadas, é de 99,4% entre seres humanos e chimpanzés, conforme se pode ler no artigo de Cláudio Ângelo, de 21/05/2003, intitulado *‘Chimpanzé também é “gente”, diz estudo’*. (32)

Daí se poder afirma que, no sentido figurado, a raça humana se difere muito pouco da dos “macacos”. Por mais que isso venha a ferir o orgulho de alguns, essa é a realidade insofismável.

E sobre a origem do homem corporal, em **A Gênese**, Allan Kardec explica:

26. Do ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais unicamente difere alguns matizes na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição química de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há,

em seu sangue, em sua carne, em seus ossos, um átomo diferente daqueles que se encontram no corpo dos animais; como estes, ao morrer, restituirá à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que haviam combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a analogia que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio.

27. Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Logo abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos) ou macaco, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocó, têm certos ademanos do homem, a tal ponto que, por muito tempo, foram denominados: *homens da florestas*. Como o homem, esses macacos caminham eretos, usam cajados, constroem choças e levam à boca, como a mão, os alimentos: sinais característicos.

28. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, é-nos forçado a reconhecer que, deste o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradualmente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contato com o anel precedente. *Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior.* Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e

constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também nas mesmas condições que os outros se há de ele ter formado.

29. Ainda que isso lhe fira o orgulho, tem o homem que resignar a não ver n o seu *corpo material* mais do que o último anel da animalidade *na Terra*. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Se o primeiro o nivela ao bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o limite extremo do animal: não vemos o limite a que chegará o espírito do homem. ⁽³³⁾

Ainda em **A Gênese**, quando fala da Encarnação dos Espíritos, Allan Kardec fala exatamente o oposto do que o crítico apresenta acima, entretanto, por absoluta má-fé, deixa de abordar todo o pensamento dele, que, em complemento ao citado acima, disse:

Entretanto, os Espíritos dos selvagens também fazem parte da Humanidade e alcançarão um dia o nível em que se acham seus irmãos mãos velhos. Mas, *sem dúvida, não será em corpo da mesma faça física*, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento já não mais estiver em correspondência com o progresso

que hajam alcançado, eles emigrarão daquele meio, para encarnar noutra mais elevado e assim por diante, até que tenham conquistado todas as graduações terrestres, ponto em que deixarão a Terra, para passar a mundos mais avançados. (*Revue Spirite*, abril de 1862, p. 97: “Perfectibilidade da raça negra”).⁽³⁴⁾

Não sabemos de onde o brilhante professor tirou que Allan Kardec estaria aí sendo racista. Mais adiante, comentaremos esse polêmico artigo. Quer goste ou não, existem pessoas mais inteligentes que outras e povos mais inteligentes que outros, mas isso não quer dizer, como bem coloca o Mestre de Lyon, que isso será por toda a eternidade.

Se a desigualdade fosse para toda eternidade, Deus seria injusto, especialmente se considerarmos o ponto de vista do professor, em defesa da vida única, marcada por diferentes durações e oportunidades, a decidir sobre o destino eterno do homem. O que torna mais grave as desigualdades.

A parábola dos talentos (Lucas 12,48) mostra justamente que Deus pode dar mais a uns do que a outros, mas não é dito, em nenhum momento, que Deus dará a mesma recompensa a todos eles, e sim

na mesma medida em que foi dado, o que deita por terra a tese do “destino eterno” que nivela todos para sempre, ou num céu ou num inferno, como preconiza o catolicismo.

Se sabemos que as penas são proporcionais, como ensina a parábola supracitada, então fica ainda mais claro que as desigualdades não são o fim, mas o meio necessário pelo qual evoluímos rumo à perfeição máxima possível de um ser humano.

Mas é interessante a distorção do professor, pois mesmo se disséssemos que existe raça negra, não estaremos diante de uma afirmativa racista e sim uma constatação do que a natureza produziu, em última instância Deus. Para corroborar o que dissemos, citamos essas duas opiniões:

Philip Yam - editor de notícias de *Scientif American*: “É óbvio que alguns nascem mais inteligentes que outros”.⁽³⁵⁾

Linda S. Gottfredson, socióloga, professora de estudos educacionais da Universidade de Delaware desde 1986 e co-diretora do Projeto Para o Estudo da Inteligência e Sociedade de Delaware-

Johns Hopkins, que no artigo “Inteligência Humana”, publicado na revista **Viver Mente & Cérebro**, afirma:

A realidade é que a mãe Natureza não é equânime. As pessoas são desiguais em seu potencial intelectual – elas nascem desta forma, assim como vêm ao mundo com diferentes potenciais para a altura, a beleza física, o pendor artístico, a aptidão atlética e outras características. Embora experiências subsequentes modelem esse potencial, engenharia social alguma conseguirá transformar indivíduos com tal divergência de aptidões mentais em intelectualmente idênticos. ⁽³⁶⁾

Achamos por bem fazer isso, pois que haverá certamente pessoas que querem distorcer o nosso pensamento, como o fizeram com o de Allan Kardec.

Ao final o nosso crítico repetirá esse artigo de Allan Kardec cujo trecho citamos, por isso deixaremos para lá o complemento de nossos argumentos.

Espalhou a lama da calúnia: “*Kardec afirma aí o mais grosseiro e brutal racismo*”.

ALLAN KARDEC, UM RACISTA BRUTAL E GROSSEIRO – 2

Vimos já várias citações escandalosamente racistas de Allan Kardec, frutos de sua doutrina caudatária do evolucionismo darwinista.

Sem querer ser racista, mas esse professor está no mínimo é doido. Apresenta até agora apenas uma passagem, que, por sinal, já demonstramos não haver racismo por parte de Allan Kardec, e diz que “**vimos várias citações escandalosamente racistas**”. Veja bem, caro leitor, é uma pessoa assim que quer derrubá-lo, quanta presunção!

Hoje, queremos apresentar mais um texto desse autor, que, embora tendo baixíssimo nível intelectual, vem causando muito mal, particularmente no Brasil.

Já falamos sobre isso, desnecessário, portanto, voltarmos ao assunto, já que o leitor tem elementos de sobra para ver de que lado sopra o vento da razão.

Na obra intitulada **O Livro dos Espíritos**, Allan Kardec pergunta:

"6 – Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomarmos uma criança hotentote recém-nascida e a educarmos nas melhores escolas, fareis dela, um dia, um Laplace ou um Newton?" (Allan Kardec, **O Livro dos Espíritos**, Instituto de Difusão Espírita, Araras, São Paulo, sem data, capítulo V, p. 126).

Já a pergunta denota um certo racismo, pois supõe que uma criança hotentote, ainda que educada nas melhores escolas, não teria possibilidade natural de alcançar o nível de um cientista branco.

Novamente a má-fé é a arma desse crítico, pois pelo seu saber intelectual não podemos admitir que não tenha entendido o pensamento de Allan Kardec. Mas propositalmente deixa de citar tudo o que ele disse nesse item. Assim, vejamos, em **O Livro dos Espíritos**, o que deixou de colocar:

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que se caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou

não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1º Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?

2º Onde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3º Onde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4º Onde, em certas crianças, o instituto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5º Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6º Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton?

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, joguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acreditaís que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são

grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em Sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica? ⁽³⁷⁾

O que Allan Kardec disse é exatamente o contrário do que quer o nosso crítico que os outros pensem dele. O Codificador demonstra claramente, em seus esclarecimentos, que certas diferenças existentes entre os seres humanos não podem ser explicadas senão através da reencarnação.

Entendemos que a reencarnação é o único sistema em que todos os seres são iguais e recebem o mesmo tratamento por parte de Deus.

Allan Kardec explicita seu racismo brutal e grosseiro na resposta que dá a essa pergunta, por ele mesmo feita:

“Em relação à sexta questão, dir-se-á, sem dúvida, que o Hotentote é de uma raça inferior; então, perguntaremos se o Hotentote é um homem ou não. Se é um homem, por que Deus o fez, e à sua raça, deserdado dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é um homem, porque procurar fazê-lo cristão ?” (Allan Kardec, **O Livro dos Espíritos**, Instituto de Difusão Espírita, Araras, São Paulo, sem data, capítulo V, p. 127).

Como é possível se imprimir e difundir, ainda hoje, uma doutrina racista tão brutal e tão grosseira?

É patente, nas frases citadas, que Allan Kardec considerava a raça branca – a caucásica – superior à raça hotentote.

E Kardec chega ao absurdo de levantar a hipótese de que um hotentote não seria um homem!

Hitler aprovaria a doutrina racista de Kardec.

O que o crítico não faz nenhuma questão de ressaltar é que essa não é a opinião de Allan Kardec, pois se fosse ele não colocaria **“dir-se-á”**, ou seja, parte de uma hipótese que poderia ser sustentada por qualquer pessoa.

Em todo esse trecho é sempre empregada a condicional, por isso Allan Kardec usa a conjunção “se”. Portanto, não se trata da opinião dele. Até mesmo no desenrolar do texto isso fica claro, só não o vê o nosso crítico “porque o ódio o cega”, quem sabe.

Quanto à questão da superioridade entre as raças já abordamos isso anteriormente. É certo que Hitler não aprovaria a doutrina racista de Allan Kardec, porquanto, ela só existe na mente de pessoas doentes ou fanáticas, mas quem sabe se ele não aprovaria as Cruzadas, a Inquisição, com suas torturas que chocar qualquer pessoa de bom senso.

E os espíritas tupiniquins, repudiam eles esse racismo grosseiro e brutal, ou o aceitam?

Se o repudiam, como poderão continuar aceitando a doutrina espírita de Kardec como revelada por “espíritos superiores”?

E será que esses “espíritos superiores” eram “caucásicos”, isto é, arianos?

Não há dúvida, pois:

Allan Kardec era um racista grosseiro e brutal.

E a doutrina espírita é racista.

Daí, o orgulho que ela suscita em seus seguidores, que – se são caucásicos – se julgam superiores aos demais mortais, quer porque os consideram de raças inferiores, quer – quando se comparam a outros brancos – os julgam pouco evoluídos espiritualmente.

Como católico, repudio totalmente essa doutrina herética e racista.

Orlando Fedeli

Nós os espíritas tupiniquins não repudiamos “*esse racismo grosseiro e brutal*”, pois ele não existe, já que se trata de puro delírio do nosso crítico, cegado pelo *odium theologicum*, descarrega-o contra o Espiritismo, e por isso não consegue enxergar o óbvio.

Nós espíritas não aceitamos nenhum tipo de racismo, nem mesmo o religioso, onde algumas igrejas querem ser exclusivas na questão da salvação dos crentes, isso é que é orgulho, o resto é conversa fiada.

Mas racismo podemos provar:

1) quando determinada igreja se alia aos senhores de engenho para manter como escravos os

negros trazidos da África, que nem os consideravam seres humanos;

2) quando, por muito tempo, considerou que a mulher não tinha alma, coisa que só tinha os homens;

3) quando não enxergava os pobres, que só descobriu recentemente que eles existem, porque sempre esteve aliada aos ricos daí nunca os tinham visto;

4) quando não admitiu que existissem pessoas que não rezasse pela sua Bíblia, por isso a necessidade de se eliminá-los, está aí registrado na História da Humanidade a vergonha da inquisição e das cruzadas, que apesar do líder católico ter pedido perdão, não há como deletar isso dos livros de história.

Afinal, quem sempre demonstrou racismo? Fica aí essa pergunta a ecoar nos ares.

Se *“como católico repudio totalmente essa doutrina herética e racista”*, aliás, frase que comprova o racismo do crítico, diremos: ainda bem que não somos católicos, pois um cristão verdadeiro

seguiria o exemplo de Jesus que nunca repudiou ninguém.

ALLAN KARDEC, UM RACISTA BRUTAL E GROSSEIRO – 3

Allan Kardec foi de fato um racista grosseiro e bruto, acrescentando ao evolucionismo darwiniano a sua doutrina gnóstica, muito mal aprendida e pior explicada. Seus textos indicam um homem cheio de contradições e de baixo nível intelectual.

Novamente, o caro professor vem bater na mesma tecla, já que argumentos não os têm mesmo.

Quero citar dele novos textos, comprovantes desse evolucionismo bruto e grosseiro do espiritismo kardecista.

No mesmo livro **A Gênese**, que já mencionei, se pode ler o seguinte:

“Esses Espíritos dos selvagens, entretanto pertencem à humanidade; atingirão um dia o nível de seus irmãos mais velhos, mas **certamente isso não se dará no corpo da mesma raça física, impróprio a certo desenvolvimento intelectual e moral**. Quando o instrumento não estiver mais em relação ao desenvolvimento, emigrarão de tal ambiente para se encarnar num grau superior, e assim por diante, até que hajam conquistado todos os graus terrestres, depois do que deixarão a Terra

para passar a mundos mais e mais adiantados (**Revue Spirite**, abril de 1863, pág. 97: **Perfectibilidade da raça negra**.)” (in Allan Kardec, A Gênese, Lake – Livraria Allan Kardec editora, São Paulo, p. 187. O negrito é do original e o sublinhado é meu).

Nesse texto do fundador do espiritismo moderno, está explícita a tese de que Kardec considerava os selvagens e a raça negra como inferiores.

O que é racismo bruto e grosseiro.

Allan Kardec ressalta a questão da evolução do espírito que, em sua trajetória rumo à perfeição, passa a habitar corpos físicos apropriados ao seu nível evolutivo. Afirma que isso é uma regra para todos e que também todos atingirão a perfeição, sem distinção de cor, raça ou religião, como ainda todos conseguirão um dia estar junto a Deus. A doutrina do céu e inferno é que demonstra racismo, não a da reencarnação progressiva do espírito.

Transcreveremos parte do texto “Frenologia Espiritualista e Espírita”, onde se fala da “Perfectibilidade da Raça do Negro”, citada ao final desse último texto de Allan Kardec. Mas é bom ressaltar que àquela época ainda existia a

escravidão.

A guerra de sucessão, nos EUA, em 1865, tinha como pano de fundo a questão da libertação dos escravos. No Brasil, a escravatura durou até 13 de maio de 1888, quando da promulgação da Lei Áurea. Não lembramos de nenhuma participação da igreja contra esse estado de coisas. Assim, é dentro deste contexto que Allan Kardec faz as seguintes considerações na **Revista Espírita 1862**:

A raça negra é perfectível? Segundo algumas pessoas, essa questão está julgada e resolvida negativamente. Se assim é, e se essa raça está votada por Deus a uma eterna inferioridade, a consequência é que é inútil se preocupar com ela, e que é preciso se limitar a fazer do negro uma espécie de animal doméstico adestrado para a cultura do açúcar e do algodão. No entanto, a Humanidade, tanto quanto o interesse social, requer um exame mais atento: é o que iremos tentar fazer; mas como uma conclusão dessa gravidade, num ou noutro sentido, não pode ser tomada levemente e deve se apoiar sobre um raciocínio sério, pedimos a permissão para desenvolver algumas considerações preliminares, que nos servirão para mostra, uma vez mais, que o Espiritismo é a única chave possível de uma multidão de problemas insolúveis com a ajuda dos dados atuais da ciência...

Com efeito, se a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo, a do sábio do Instituto é tão nova quanto a do selvagem; desde então, por que, pois, há sobre a Terra selvagens e membros do Instituto? O meio no qual vivem, direis. Seja; direi, então, por que homens nascidos no meio mais ingrato, e mais refratário, se tornam gênios, ao passo que crianças que bebem a ciência com o leite materno são imbecis. Os fatos não provam, até à evidência, que há homens instintivamente bons ou maus, inteligentes ou estúpidos? É preciso, pois, que haja na alma um germe; de onde vem? Pode-se racionalmente dizer que Deus os fez todas as espécies, uns que chegam sem dificuldade, e outros que não chegam mesmo com um trabalho perseverante? Estaria aí sua justiça e sua bondade? Evidentemente não. Uma única solução é possível: a preexistência da alma, sua anterioridade ao nascimento do corpo, o desenvolvimento adquirido segundo o tempo que ela viveu e as diferentes migrações que percorreu. A alma traz, pois, unindo-se ao corpo, o que adquiriu, suas qualidades boas ou más; daí as predisposições instintivas; de onde se pode dizer, com certeza, que aquele que nasceu poeta já cultivou a poesia; que aquele que nasceu músico cultivou a música; que aquele que nasceu celerado foi mais celerado ainda. Tal é a fonte das faculdades inatas que produzem, nos órgãos destinados à sua manifestação, um trabalho interior, molecular, que os leva ao desenvolvimento.

Isto nos conduz ao exame da importante questão da anterioridade de certas raças e de sua

perfectibilidade.

Colocamos, de início, em princípio, que todas as faculdades, todas as paixões, todos os sentimentos, todas as aptidões estão na Natureza; que elas são necessárias à harmonia geral, porque Deus nada faz de inútil; que o mal resulta do abuso, assim como da falta de contrapeso e de equilíbrio entre as diversas faculdades. As faculdades não se desenvolvendo todas simultaneamente, disso resulta que o equilíbrio não pode se estabelecer senão com o tempo; que essa falta de equilíbrio produz homens imperfeitos, nos quais o mal domina momentaneamente. Tomemos por exemplo o instinto da destruição; esse instinto é necessário, porque, na Natureza, é preciso que tudo se destrua para se renovar; é por isso que todas as espécies vivas são, ao mesmo tempo, agentes destruidores e reprodutores. Mas o instinto de destruição isolado é um instinto cego e brutal; ele domina entre os povos primitivos, entre os selvagens, cuja alma não adquiriu ainda as qualidades reflexivas próprias para regularem a destruição numa justa medida. O selvagem feroz pode, numa só existência, adquirir as qualidades que lhe faltam? Que educação dar-lhe-íeis, desde o bico, para fazerdes deles um São Vicente de Paulo, um sábio, um orador, um artista? Não; é materialmente impossível. E, no entanto, esse selvagem tem uma alma; qual é a sorte dessa alma depois da morte? É punida por seus atos bárbaros que nada reprimiu? Está colocada em posição igual à do homem de bem? Um não é mais racional que o outro? Está, então, condenada a permanecer eternamente num estado misto, que não é nem a

felicidade e nem a infelicidade? Isso não seria justo; porque, se não é mais perfeita, isso não dependeu dela. Não podeis sair desse dilema senão admitindo a possibilidade de um progresso; ora, como pode progredir, se não for tomando novas existências? Poderá, direis, progredir como Espírito, sem retornar a Terra. Mas, então, porque nós, civilizados, esclarecidos, nascemos na Europa antes que na Oceania? Em corpos brancos antes que em corpos negros? Por que um ponto de partida tão diferente, se não se progride senão como Espírito? Por que Deus nos isentou do longo caminho que o selvagem deve percorrer? Nossas almas seriam de uma outra natureza que a sua? Por que, então, procurar fazê-lo cristão? Se o fazeis cristão, é que o olhais como vosso igual diante de Deus; se é vosso igual diante de Deus, porque Deus vos concede privilégios? Agiríeis inutilmente, não chegaríeis a nenhuma solução senão admitindo, para nós um progresso anterior, para o selvagem um progresso ulterior; se a alma do selvagem deve progredir ulteriormente, é que ela nos alcançará; se progredimos anteriormente, é que fomos selvagens, porque, se o ponto de partida for diferente, não há mais justiça, e se Deus não é justo, não é Deus. Eis, pois, forçosamente, duas existências extremas: a do selvagem e a do homem mais civilizado; mas, entre esses dois extremos, não encontrais nenhum intermediário? Segui a escala dos povos e vereis que é uma cadeia não interrompida, sem solução de continuidade. Ainda uma vez, todos esses problemas são insolúveis sem a pluralidade das existências. Dizei que os Zelandeses renascerão

entre um povo um pouco menos bárbaro, e assim por diante até à civilização, e tudo se explica; que se, em lugar de seguir os degraus da escala, vencer todos de repente e sem transição entre nós, e nos dará o odioso espetáculo de um Dumollard, que é um monstro para nós, e que nada apresentou de anormal entre as populações da África central, de onde talvez saiu. Assim é que, fechando-se numa só existência, tudo é obscuridade, tudo é problema sem resultado; ao passo que, com a reencarnação, tudo é claro, tudo é solução. [...].

O exame frenológico dos povos pouco inteligentes constata a predominância das faculdades instintivas, e a atrofia dos órgãos da inteligência. O que é excepcional nos povos avançados, é a regra em certas raças. Por que isto? É uma injusta preferência? Não, é a sabedoria. A natureza é sempre providente; nada faz de inútil; ora, seria uma coisa inútil dar um instrumento completo a quem não tem meios de se servir dele. Os Espíritos selvagens são Espíritos de crianças, podendo assim se exprimir; entre eles, muitas faculdades ainda estão latentes. Que faria, pois, o Espírito de um Hotentote no corpo de um Arago? Seria como aquele que não sabe a música diante de um excelente piano. Por uma razão inversa, que faria o Espírito de Arago no corpo de um Hotentote? Seria como Liszt diante de um piano que não teria senão algumas más cordas falsas, às quais seu talento jamais chegaria a dar sons harmoniosos. Arago entre os selvagens, com todo o seu gênio, seria tão inteligente, talvez, quanto pode sê-lo um selvagem, mas nada de

mais; jamais seria, sob uma pele negra, membro do Instituto. Seu Espírito levá-lo-ia ao desenvolvimento dos órgãos? De órgãos fracos, sim; de órgãos rudimentares, não.

A Natureza, portanto, apropriou os corpos ao grau de adiantamento dos Espíritos que devem neles se encarnar; eis porque os corpos das raças primitivas possuem menos cordas vibrantes que os das raças avançadas. Há, pois, no homem, dois seres bem distintos: o Espírito, ser pensante; o corpo, instrumento das manifestações do pensamento, mais ou menos completo, mais ou menos rico em cordas, segundo as necessidades.

Chegamos agora à perfectibilidade das raças; esta questão, por assim dizer, está resolvida pelo que precede: não temos senão que deduzir-lhe algumas consequências. Elas são perfectíveis pelo Espírito que se desenvolve através das suas diferentes migrações, em cada uma das quais adquire, pouco a pouco, as qualidades que lhes faltam; mas, à medida que as suas faculdades se estendem, falta-lhe um instrumento apropriado, como a uma criança que cresce são necessárias roupas maiores; ora, sendo insuficientes os corpos constituídos para seu estado primitivo, lhes é necessário encarnar em melhores condições, e assim por diante, à medida que progride.

As raças são também perfectíveis pelo corpo, mas isso não é senão pelo cruzamento com as raças mais aperfeiçoadas, que lhes trazem novos elementos que *as enxertam*, por assim dizer, os germes de novos órgãos. Esse cruzamento se faz pelas emigrações, pelas guerras, e pelas

conquistas. Sob esse aspecto, há raças, como famílias, que se abastardam se não se misturam com sangues diversos. Então, não se pode dizer que isso seja a raça primitiva pura, porque sem cruzamento essa raça será sempre a mesma, seu estado de inferioridade relacionando à sua natureza; ela degenerará em lugar de progredir, e é o que a conduz ao desaparecimento num tampo dado.

A respeito dos negros escravos, **diz-se**: ‘São seres tão brutos, tão pouco inteligentes, que seria trabalho perdido procurar instruí-los; é uma raça inferior, incorrigível e profundamente incapaz’. A teoria que acabamos de dar permite encará-los sob uma outra luz; na questão do aperfeiçoamento das raças, é preciso ter em conta dois elementos constitutivos do homem; o elemento espiritual e o elemento corpóreo. É preciso conhecê-los, um e o outro, e só o Espiritismo pode nos esclarecer sobre a natureza do elemento espiritual, o mais importante, uma vez que é este que pensa e que sobrevive, ao passo que o elemento corpóreo se destrói.

Os negros, pois, como organização física, serão sempre os mesmos; **como Espíritos, sem dúvida, são uma raça inferior, quer dizer, primitiva; são verdadeiras crianças às quais pode-se ensinar muita coisa**; mas, por cuidados inteligentes, pode-se sempre modificar certos hábitos, certas tendências, e já é um progresso que levarão numa outra existência, e que lhes permitirá, mais tarde, tomar um envoltório em melhores condições. Trabalhando para o seu

adiantamento, trabalha-se menos para o presente do que para o futuro, e, por pouco que se ganhe, é sempre para eles um tanto de aquisições; cada progresso é um passo adiante, que facilita novos progressos.

Sob o mesmo envoltório, quer dizer, com os mesmos instrumentos de manifestação do pensamento, as raças não são perfectíveis senão em limites estreitos, pelas razões que desenvolvemos. Eis por que a raça negra, enquanto raça negra, corporeamente falando, jamais alcançará o nível das raças caucásicas; mas, enquanto Espíritos, é outra coisa; ela pode se tornar, e se tornará, o que somos; somente ser-lhe-á preciso tempo e melhores instrumentos. Eis porque as raças selvagens, mesmo em contato com a civilização, permanecem sempre selvagens; mas, à medida que as raças civilizadas se ampliam, as raças selvagens diminuem, até que desapareçam completamente, como desapareceram as raças dos Caraíbas, dos Guanches, e outras. Os corpos desapareceram, mas em se tornaram os Espíritos? Mais de um, talvez, esteja entre nós. ⁽³⁸⁾

O leitor atento verá que ocorre justamente o contrário do que o crítico fala, pois Allan Kardec disse exatamente da igualdade dos seres. Quando ele evoca a desigualdade está apenas falando do corpo físico, habitação temporária do Espírito. E

especificamente no caso do negro, defende a dignidade dos dessa raça, quando, em sua época, ainda existia a escravidão.

Entretanto, quanto a essa questão do corpo físico, não se pode creditar à Allan Kardec a diferença que se fazia entre as raças, já que se trata de um conceito de época.

Aliás, diga-se de passagem, conceito científico, conforme se pode comprovar na fala Paulo Henrique de Figueiredo, no artigo *O Polêmico Texto de Kardec sobre a Raça Negra*, publicado na **Revista Universo Espírita**:

[...] No tempo de Kardec todos acreditavam que os negros formavam uma raça inferior à raça caucasiana, ou branca, o que explica a frase de Kardec, que parece ferir a lei de igualdade: “Eis por que a raça negra, enquanto raça negra, corporeamente falando, jamais alcançará o nível das raças caucasianas”. Era uma questão não só cultural, mas tinha também o respaldo da ciência daquela época, que observava o estado primitivo dos povos africanos e escravizados nas Américas. As consequências da crença nas diferenças raciais levavam inevitavelmente à discriminação, divisão de classes e exploração do homem pelo homem. Allan Kardec, pesquisando o elemento espiritual,

sabia estar nele a chave da questão. Todos somos iguais, e evoluímos até nos tornarmos espíritos puros.

O propósito do artigo de Kardec era esclarecer os conceitos espíritas a partir da realidade científica e cultural de sua época. [...].

[...] Afastado o erro científico utilizado pelo Codificador – que justifica a diferença entre os corpos do negro e do branco – e todas as deduções derivadas dele, o artigo é não só avançado para sua época, como é a única resposta para implantar no mundo a verdadeira igualdade.

[...].

Foi o naturalista francês Georges Cuvier (1769-1832), pesquisador produtivo e influente, que introduziu no meio científico o termo raça e a classificação dos negros como raça inferior. Os negros podiam ser observados somente nas tribos primitivas da África ou entre os escravos trazidos para as Américas. Nos relatos dos observadores, eram evidentes e indiscutíveis as diferenças entre a civilização moderna e culta da Europa e os hábitos, costumes e limites culturais e tecnológicos dos povos africanos. Desse modo, o conceito de raça e superioridade da caucasiana passaram a ser aceitos pela totalidade dos pesquisadores europeus.

Teoria altamente influente em seu tempo, nascida das pesquisas poligenistas, a *frenologia* (de *phrenos*, mente e *logos*, estudo) interpretava os diferentes comportamentos, habilidades, e até

faculdades morais e intelectuais do homem, como características inatas e dependentes da organização do cérebro. Conforme essa teoria, cada parte do cérebro tem diferentes funções. “Surgiu das experiências anatômicas e fisiológicas que demonstraram claramente o papel especial de certas partes do cérebro nas funções vitais, e a diferença de fenômenos produzidos pela lesão de tal ou tal parte”, explicou Kardec em seu artigo, *Perfectibilidade da Raça Negra*. É de acordo com a frenologia que se considerava, biologicamente, menos capaz o organismo do negro em relação ao do branco. Sem ter uma base experimental que a confirmasse, a frenologia foi abandonada pela ciência no final do século 19. No entanto, podemos considerar a frenologia como a primeira teoria completa do atual conceito do *localizacionismo cerebral* – partes do cérebro com funções específicas. Quanto a esse conceito ela estava correta.

Hoje, segundo a genética, as diferenças entre as raças caíram por terra. Não existe diferença entre o negro e o branco. A frenologia estava equivocada quando considerou o corpo do negro inferior ao corpo do branco europeu. Podemos considerar superadas as referências de Kardec em seu artigo quanto a essa ideia. No entanto, o *localizacionismo cerebral* é um conceito válido, e o artigo, no que refere a esse aspecto e ao conceito doutrinário da *evolução espiritual* permanece correto, atual e revolucionário. ⁽³⁹⁾

Recomendo a leitura na íntegra, do artigo

citado, para aprofundamento do tema. Seu link de acesso está disponível no final do texto. Assim, querer crucificar Allan Kardec por sua conduta de aceitar um conceito de época, é completamente injusto e de uma desonestidade tão grosseira quanto brutal, utilizando-nos dos termos escolhido pelo crítico.

Se algum espírita ousar defender esse racismo kardecista, hoje, estará cometendo uma violação das leis anti-racistas vigentes no Brasil.

Mas quem está a violar as leis vigentes no Brasil, principalmente a Constituição Brasileira, magna carta do país, é o nosso crítico, pois nela se garante, tanto a ele quanto a nós, o direito de professar a religião que julgarmos de melhor conveniência para nós, já que não é o que faz.

Quanto a defender Allan Kardec, é com prazer que o fazemos, pois até o momento não encontramos ninguém à altura de contrapor alguma coisa que possa arranhar qualquer princípio do Espiritismo ou que tenha colocado algo verdadeiro que venha a manchar sua reputação.

E Allan Kardec considerava raças inferiores não só os indígenas e negros, mas também os **indivíduos de raça amarela.**

Raça superior seria só a branca.

Para o racista grosseiro e bruto que foi Allan Kardec também os chineses seriam de uma raça inferior.

Eis a prova do que estou afirmando, retirada de outro livro de Allan Kardec:

“Um chinês, por exemplo, que progredisse suficientemente e não encontrasse na sua raça um meio correspondente ao grau que atingiu, encarnará entre um povo mais adiantado” (Allan Kardec, **O que é o Espiritismo**, Edição da Federação Espírita Brasileira, Brasília, 32ª edição, sem data, pp. 206-207. A edição original de **Qu'est ce que le Spiritisme** é de 1859).

Portanto, para Kardec e para os espíritas, também os amarelos (japoneses, chineses, etc.), teriam que se reencarnar em raças superiores ou mais adiantadas. Hitler não diria muito diferente.

Aqui, caro leitor, temos certeza que já poderá até adivinhar o que faremos. Realmente, não poderá ser diferente, pois, conforme já demonstramos desde o início, o nosso crítico quer distorcer o pensamento de Allan Kardec ao colocar parte dos textos, aquilo que aparentemente achou que justificaria sua

deliberada intenção de denegri-lo, para atingir, por tabela, a Doutrina Espírita. Vejamos todo o pensamento do Codificador, que extraímos do livro **Que é o Espiritismo:**

139. Por que há na Terra selvagens e homens civilizados?

Sem a preexistência da alma, esta questão é insolúvel, a menos que admitamos tenha Deus criado almas selvagens e almas civilizadas, o que seria a negação da sua justiça. Além disso, a razão recusa admitir que, depois da morte, a alma do selvagem fique perpetuamente em estado de inferioridade, bem como se ache na mesma elevação que a do homem esclarecido.

Admitindo para as almas um mesmo ponto de partida - única doutrina compatível com a justiça de Deus - , a presença simultânea da selvageria e da civilização, na Terra, é um fato material que prova o progresso que uns já fizeram e que os outros têm de fazer.

A alma do selvagem atingirá, pois, com o tempo, o mesmo grau da alma esclarecida; mas, como todos os dias morrem selvagens, essa alma não pode atingir esse grau senão em encarnações sucessivas, cada vez mais aperfeiçoadas e apropriadas ao seu adiantamento, seguindo todos os graus intermediários a esses dois extremos.

140. Não será admissível, segundo pensam algumas pessoas, que a alma, não encarnando

mais que uma vez, faça o seu progresso no estado de Espírito ou em outras esferas?

Esta proposição seria admissível, se todos os habitantes da Terra se achassem no mesmo nível moral e intelectual; caso em que se poderia dizer ser a Terra destinada a determinado grau; ora, quantas vezes temos diante de nós a prova do contrário!

Com efeito, não é compreensível que o selvagem não pudesse conseguir civilizar-se aqui na Terra, quando vemos almas mais adiantadas encarnadas ao lado dele; do que resulta a possibilidade da pluralidade das existências terrenas, demonstrada por exemplos que temos à vista.

Se fosse de outro modo, era preciso explicar: 1.º, por que só a Terra teria o monopólio das encarnações; 2.º, por que, tendo esse monopólio, nela se apresentam almas encarnadas de todos os graus.

141. Por que, no meio das sociedades civilizadas, se mostram seres de ferocidade comparável à dos mais bárbaros selvagens?

São Espíritos muito inferiores, saídos das raças bárbaras, que experimentam reencarnar em meio que não é o seu, e onde estão deslocados, como estaria um rústico colocado de repente numa cidade adiantada.

OBSERVAÇÃO — Não é possível admitir-se, sem negar a Deus os atributos de bondade e justiça, que a alma do criminoso endurecido tenha,

na vida atual, o mesmo ponto de partida que a de um homem cheio de virtudes.

Se a alma não é anterior ao corpo, a do criminoso e a do homem de bem são tão novas uma como a outra; por que razão, então, uma delas é boa e a outra má?

142. Donde vem o caráter distintivo dos povos?

São Espíritos que têm mais ou menos os mesmos gostos e inclinações, que encarnam em um meio simpático e, muitas vezes, no mesmo meio em que podem satisfazer as suas inclinações.

143. Como progridem e como degeneram os povos?

Se a alma é criada juntamente com o corpo, as dos homens de hoje são tão novas, tão primitivas, como a dos homens da Idade Média, e, desde então, pergunta-se por que têm elas costumes mais brandos e inteligência mais desenvolvida?

Se na morte do corpo a alma deixa definitivamente a Terra, pergunta-se, ainda, qual seria o fruto do trabalho feito para melhoramento de um povo, se este tivesse de ser recomeçado com as almas novas que diariamente chegam?

Os Espíritos encarnam em um meio simpático e em relação com o grau do seu adiantamento.

Um chinês, por exemplo, que progredisse suficientemente e não encontrasse mais na sua raça um meio correspondente ao grau que atingiu, encarnará entre um povo mais adiantado. À medida que uma geração dá um passo para frente,

atrai por simpatia Espíritos mais avançados, os quais são, talvez, os mesmos que já haviam vivido no mesmo país e que, por seu progresso, dele se tinham afastado; é assim que, passo a passo, uma nação avança. Se a maioria dos seus novos habitantes fosse de natureza inferior e os antigos emigrassem diariamente e não mais descessem a um meio inferior, o povo acabaria por degenerar, e, afinal, por extinguir-se.

OBSERVAÇÃO – Essas questões provocam outras que encontram solução no mesmo princípio; por exemplo, donde vem a diversidade de raças, na Terra? - Há raças rebeldes ao progresso? - A raça negra é suscetível de subir ao nível das raças europeias? - A escravidão é útil ao progresso das raças inferiores? - Como se pode operar a transformação da Humanidade? - (*O Livro dos Espíritos: Lei de progresso*, nºs 776 e seguintes. - *Revue Spirite*, 1862, pág. 1: *Doctrine des anges déchus*. — *Idem*, 1862, pág. 97: *Perfectibilité de la race nègre*.)⁽⁴⁰⁾

Nesse ponto, mais uma vez (E qual deles não foi até agora?), o nosso crítico tenta imputar a Allan Kardec pensamento justamente contrário ao que disse o Codificador, numa demonstração clara que o ódio lhe cega. O texto é tão óbvio que não necessitamos dizer nada.

E Allan Kardec, esse racista bruto e grosseiro, pretendia que sua palavra fosse superior à palavra de Deus, na Sagrada Escritura, pois ele escreveu:

“A reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição; só os Saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nela. As ideias dos Judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não estavam claramente definidas, porque não tinham senão noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que um homem que viveu podia reviver, sem se inteirarem com precisão da maneira pela qual o fato podia ocorrer; **designavam pela palavra ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação**”. (Allan Kardec, **O Evangelho segundo o Espiritismo**, Instituto de Difusão Espírita, Araras 1978, p. 59. O negrito e o sublinhado são meus. O itálico é do autor).

Portanto Allan Kardec se considerava mais “judicioso” do que a Bíblia, porque, naquilo que os autores inspirados por Deus erraram, ele Kardec elucidou.

Além de ser, então, um racista brutal e grosseiro, Allan Kardec era um presunçoso soberbo, que se colocava até mesmo acima da Bíblia.

Orlando Fedeli

Se o crítico quisesse mesmo saber se os autores bíblicos erraram ou não, era só ter a

coragem de ler o nosso livro ***A Bíblia à Moda da Casa***.

Será que Allan Kardec tem razão? Vejamos o que resultou de nossas pesquisas a respeito dessa afirmativa. Transcreveremos uma parte do nosso texto ***Reencarnação no Contexto Histórico*** ⁽⁴¹⁾, onde detalhadamente abordamos essa questão, que será muito útil aqui.

Sempre lemos, de outros autores, que a ideia da reencarnação existia no cristianismo primitivo e existe no judaísmo, como por exemplo, Dr. Severino Celestino da Silva, em *Analisando as Traduções Bíblicas*, H. Spencer Lewis, F.R.C, Ph.D., no livro *A Vida Mística de Jesus* e o teólogo alemão Holger Kersten, autor de ***Jesus Viveu na Índia***, do qual transcrevemos:

Em 543 d.C. o imperador Justiniano, sem levar em conta o ponto de vista papal, declarou guerra frontal aos ensinamentos de Orígenes, condenando-os através de um sínodo especial. Em suas Obras *De Principiis e Contra Celsum*, Orígenes (185-235 d.C.), o grande Padre da Igreja, tinha reconhecido, abertamente, a existência da alma antes do nascimento e sua dependência de

ações passadas. Ele pensava que certas passagens do Novo Testamento poderiam ser explicadas somente à luz da reencarnação.

Do Concílio convocado pelo imperador Justiniano só participaram bispos do Oriente (ortodoxos). Nenhum de Roma. E o próprio Papa, que estava em Constantinopla naquela ocasião, deixou isso bem claro.

O Concílio de Constantinopla, o quinto dos Concílios, não passou de um encontro, mais ou menos em caráter privado, organizado por Justiniano, que, mancomunado com alguns vassallos, excomungou e maldisse a doutrina da pré-existência da alma, apesar dos protestos do Papa Virgílio, com a publicação de seus *Anathemata*.

A conclusão oficial a que o Concílio chegou após uma discussão de quatro semanas teve que ser submetida ao Papa para ratificação. Na verdade, os documentos que lhe foram apresentados (os assim-chamados “Três Capítulos”) versavam apenas sobre a disputa a respeito dos três eruditos que Justiniano, há quatro anos, havia por um edito declarado heréticos. Nada continham sobre Orígenes. Os Papas seguintes, Pelágio I (556-561), Pelágio II (579-590) e Gregório (590-604), quando se referiram ao quinto Concílio, nunca tocaram no nome de Orígenes.

A Igreja aceitou o edito de Justiniano - “Todo aquele que ensinar esta fantástica pré-existência da alma e sua monstruosa renovação será condenado” - como parte das conclusões do

Concílio. Portanto, a proibição da doutrina da reencarnação não passa de um erro histórico, sem qualquer validade eclesiástica. ⁽⁴²⁾

E especificamente quanto ao judaísmo podemos comprovar pelo historiador judeu Flavius Josephus, citado por Dr. Hernani de Guimarães Andrade, no livro **Você e a Reencarnação**, à página 28. Dr. Hernani em referência a WHISTON (*The Works of Flavius Josephus*, trad. Willian Whiston, M.A., London: War, Loc & Co. Limited.), disse-nos:

Flavius Josephus (37 a 95 a. D.), intelectual e historiador judeu, em sua famosa obra De Bello Judaico, faz a seguinte advertência aos soldados judeus que preferiam desertar, suicidando-se:

“Não vos recordais de que todos os espíritos puros que se encontram em conformidade com a vontade divina vivem no mais humildes dos lugares celestiais, e que no decorrer do tempo eles serão novamente enviados de volta para habitar corpos inocentes? Mas que as almas daqueles que cometeram suicídio serão atiradas às regiões trevas do mundo inferior?” (Josephus, 1910). ⁽⁴³⁾

Entretanto, até nessa clássica obra desse autor

da antiguidade modificaram o texto para, obviamente, fugir da ideia da reencarnação, conforme podemos comprovar através do livro ***História dos Hebreus***, autoria de Flávio Josefo (37-103 d.C.), onde disse o seguinte:

[...] Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregam em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza, Ele lhes deu e que suas almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, no correr dos séculos, animar corpos que sejam puros como elas (*) e que ao invés, as almas dos ímpios, que por uma loucura criminosa dão a morte a si mesmos são precipitados nas trevas do inferno; [...].

(*) Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose. ⁽⁴⁴⁾

Observar que apesar dos textos serem bem semelhantes, mudaram todo o sentido do original para fugir da ideia da reencarnação. Dúvida que envolveu até o próprio tradutor Vicente Pedroso: *“Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose”*, querendo dissimular o pensamento sobre a reencarnação.

Mas se esqueceu de modificar isto que disse Flávio Josefo, quando fala no que acreditavam os fariseus:

Eles julgam que **as almas** são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que **umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que outras voltam a esta.** ⁽⁴⁵⁾

Desenvolvemos essa questão com maior profundidade no texto **Josefo, os Fariseus e a Reencarnação** ⁽⁴⁶⁾.

Entretanto, o mesmo não aconteceu com a tradução do livro Atos dos Apóstolos 23, 8, onde se diz que os fariseus sustentam “a ressurreição”, quando, na verdade, deveria ser “a reencarnação”, conforme nos informa o historiador judeu.

Podemos ainda acrescentar as informações contidas no livro **As Rodas da Alma**, onde o Rabino Philip S. Berg (1927-2013) desenvolvendo o tema dentro da ótica cabalista, diz a certa altura:

Entre todos os que aceitam a doutrina da reencarnação, talvez os cabalistas sejam os únicos que acreditam que uma alma pode retornar num nível inferior daquele que deixou em uma vida anterior. Efetivamente, se o peso do *tikun* (correção) for suficientemente pesado, uma alma humana poderá se encontrar reencarnada no corpo de um animal, de uma planta ou até mesmo de uma pedra. ⁽⁴⁷⁾

“A Cabala [...] é o significado mais profundo e oculto da Torá, ou Bíblia”, diz Berg, o que confirma que é um conhecimento do judaísmo místico, segundo suas próprias palavras.

Trazemos também a opinião de Sérgio F. Aleixo, escritor e estudioso da Bíblia, que em seu livro ***Reencarnação - Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, Lei de Deus***, disse o seguinte:

Neste trabalho, queremos demonstrar que a cultura judaico-cristã tem precedentes reencarnacionistas incontestáveis, a despeito de as políticas igrejeiras, sustentadas pelos mais absurdos teologismos, se obstinarem ainda em negá-los. ⁽⁴⁸⁾

É comum a certas pessoas advogarem que

devemos, para interpretar a Bíblia, levar em conta o contexto histórico, mas quando o fato é reencarnação não seguem a sua própria recomendação. Os fatos históricos estão aí relatados, e não há como mudá-los.

Resta então aos fanáticos a humildade de mudarem de posicionamento em relação ao assunto. Embora sinceramente achamos isso muito difícil, pois são completamente cegos, a única verdade que aceitam é a que lhes ensinaram num momento suscetível, pouco importa se corresponde à realidade ou não. Todos os que pensam diferente deles são “heréticos” que precisam ser combatidos.

Com essa transcrição demos as provas de que realmente a reencarnação era aceita antigamente, só que a Igreja, querendo ser mais realista que o rei, muda essa questão já que ela não é conveniente se quer manter sob seu jugo os fiéis.

Conclusão

Os tempos passam, mas para certos tipos de comportamento não aconteceu nenhuma evolução, ainda usam dos mesmos ultrapassados argumentos. Em ***A Reencarnação, o Elo Perdido do Cristianismo***, Elizabeth Clare Prophet (1939-2009), dizendo a respeito do Gnosticismo, faz a seguinte colocação:

Acusar alguém de perversão sexual é geralmente uma boa forma de desacreditar suas ideias. Foi justamente isto que os Patriarcas da Igreja fizeram aos gnósticos. Ao caracterizá-los como insanos, depravados, seres anormais que odiavam a vida e praticavam orgias, o amor livre e o homossexualismo, que alimentavam-se de fetos e recusavam-se a ter filhos, os teólogos primitivos conseguiram convencer as pessoas de que os ensinamentos dos gnósticos eram absurdos e insensatos. ⁽⁴⁹⁾

É o que parece querer fazer o nosso atual crítico. Sua tática nada condiz com a profissão que

exerce, se é que a exerce mesmo. Talvez queira transferir a Allan Kardec o que lhe vai no íntimo do seu coração? Mas isso só Deus o sabe. No entanto, pelo uso repetitivo e intercalado dos termos “*brutal e grosseiro*”, o que podemos desconfiar da parte do autor é que tudo isso não passe mesmo de mais um exercício, consciente ou não, de autossugestão. Quem sabe queira convencer a si próprio de suas ideias?

Para encerrar, citaremos uma mensagem interessante, inserida na ***Revista Espírita 1859***, que poderá muito bem servir a outros que, como esse nosso crítico, porventura possam querer denegrir o Espiritismo.

A Infância e o Riacho; parábola.

Um dia, uma criança chegou junto de um riacho bastante rápido que tinha quase a impetuosidade de uma torrente; a água lançava-se de uma colina vizinha, e engrossava à medida que avançava na província. A criança se pôs a examinara a torrente, depois amontoou toda espécie de pedras que pegava em seus pequenos braços; resolveu construir um dique; cega presunção! Apesar de todos os seus esforços e sua pequena cólera, não pode a isso chegar. Refletindo, então, mais

seriamente, se fosse preciso empregar essa palavra a uma criança, ela subiu mais alto, abandonou sua primeira tentativa, e quis fazer seu dique mais perto da própria fonte do riacho; mas aí! Seus esforços foram ainda impotentes; desencorajou-se e daí se foi chorando. Ainda estava na bela estação, e o riacho não estava mais rápido em comparação com que estivera no inverno; ele cresceu, e a criança viu seus progressos; a água, engrossando-se lançava-se com mais fúria, derrubando tudo em sua passagem, e a infeliz criança, ela mesma, teria sido arrastada se tivesse ousado aproximar-se dele como da primeira vez.

Ó homem fraco! Criança! Tu queres elevar uma muralha, um obstáculo intransponível à marcha da verdade, não és mais forte que essa criança, e tua pequena vontade não é mais forte que seus pequenos braços; quando mesmo quiseses esperá-la em sua fonte, a verdade, estejas disso seguro, te arrastará infalivelmente. (Basile, 11.11.1859). ⁽⁵⁰⁾

Como essa nossa refutação foi contradita por outra pessoa do site Associação Cultural Montfort, em razão disso resolvermos fazer dois textos: um com nova contestação, demonstrando que quem tem telhado de vidro não deve jogar pedras no telhado do vizinho e outro com uma extensa pesquisa nas obras de Allan Kardec, visando elucidar de vez essa

questão.

Quem tiver curiosidade de saber no que deu, basta acessar ao nosso artigo **Católicos acusam Allan Kardec de Racista** ⁽⁵¹⁾ e também ao nosso ebook **Racismo em Kardec?** ⁽⁵²⁾.

Inclusive, nesse último, incluímos a recente decisão do juiz federal Marcelo Freiburger Zandavali negando pedido de liminar feito em Ação Popular visando retirar de circulação o livro *Obra Póstumas*, sob o argumento da obra ser lesiva ao patrimônio histórico e cultural e por veicular conteúdo racista.

Referência Bibliográfica

- ALEIXO, S. F. **Reencarnação: Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, Lei de Deus**. Niterói (RJ): Lachâtre, 2003.
- ANDRADE, H. G. **Você e a Reencarnação**. Bauru (SP): 2002.
- BERG, P. S. **Reencarnação as Rodas da Alma**. São Paulo: Cabala, 1998.
- FIGUEIREDO, P. H. **O Polêmico Texto de Kardec Sobre a Raça Negra**. in. *Revista Universo Espírita*, nº. 24, São Paulo: Universo Espírita, 2005, p. 32-39.
- GOTTEFREDSON, L. S. **Inteligência humana**. in. *Viver Mente & Cérebro. Edição Especial nº 1 - Inteligência*, São Paulo: Ediouro, s/d, p. 22-28.
- INCONTRI, D. **Para Entender Allan Kardec**. Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2004.
- INCONTRI, D. e GRZYBOWSK, P. **Kardec Educador - Textos Pedagógicos de Hippolyte Léon Denizard Rivail**. Bragança Paulista (SP): Editora Comenius, 2005.
- JOSEFO, F. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.
- KERSTEN, H. **Jesus Viveu na Índia**. São Paulo: Best Seller, 1988.
- LEWIS, H. S. **A Vida Mística de Jesus**. Curitiba: Amorc, 2001.
- MOREIL, A. **Vida e Obra de Allan Kardec**. São Paulo: Edicel, 1986.
- PROPHET, E. C. **Reencarnação - O Elo Perdido do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.

SAUSSE, H. **Biografia de Allan Kardec**. In KARDEC. A. O *Que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

SILVA NETO SOBRINHO, P. **A Bíblia à Moda da Casa**. Divinópolis (MG): Panorama, 2006.

SILVA, S. C. **Analisando as Traduções Bíblicas**. João Pessoa: Ideia, 2001.

YAM, P. **A Inteligência em Questão**. in. *Viver Mente&cérebro. Edição Especial nº 1 - Inteligência*, São Paulo: Ediouro, s/d, p. 5-9.

Periódicos:

Revista Universo Espírita, nº. 24, São Paulo: Universo Espírita, 2005, p. 32-39.

Viver Mente & Cérebro. Edição Especial nº 1 - Inteligência, São Paulo: Ediouro, s/d, p. 22-28.

Internet:

Capa:

<https://www.redebrasilatual.com.br/wp-content/uploads/2019/11/escravid%C3%A3o-debret.jpg>. Acesso em: 19.06.2020, às 18:34h.

ÂNGELO, C. *Chimpanzé também é “gente”, diz estudo*. Folhaonline 21/05/2003, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u9156.shtml>. Acesso em 10.12.2004, às 09:40h.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL MONTFORT, *Allan Kardec, um racista brutal e grosseiro*, disponível em: www.montfort.org.br/veritas/kardec.html, www.montfort.org.br/veritas/kardec2.html e www.montfort.org.br/veritas/kardec3.html. Acesso em: 28.11.2006, às 11:50h.

GONÇALVES, F. *Carta de Victorien Sardou a Allan Kardec*, disponível em: <http://espiritismohistoria.blogspot.com/2011/04/carta-de-victorien-sardou-allan-kardec.html>. Acesso em 19.06.2020, às 15:05h.

MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*, disponível em: http://www.academia.edu/33385119/_Uma_abordagem_conceitual_das_no%C3%A7%C3%B5es_de_ra%C3%A7a_racismo_identidade_e_etnia_-_Kabengele_Munanga. Acesso em: 28.11.2006, às 10:33h.

SARDOU, V. *Carta de Victorien Sardou a Kardec*, in <http://espiritismohistoria.blogspot.com/2011/04/carta-de-victorien-sardou-allan-kardec.html>. Acesso em 20.04.2011, às 06:12h.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Josefo, os Fariseus e a Reencarnação*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/josefo-os-fariseus-e-a-reencarnacao>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Reencarnação, argumentos católicos contrários*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/reencarnacao-argumentos-catolicos-contrarios>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Reencarnação no Contexto Histórico*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/reencarnacao-no-contexto-historico>. Acesso em: 14 ago. 2024.

Ebook e artigos recomendados

I - PRÓPRIOS

- 01 - ***Allan Kardec um racista brutal e grosseiro***: <https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-foi-um-racista-brutal-e-grosseiro-ebook>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- 02 - ***Católicos que acusam Kardec de racista***: <https://paulosnetos.net/article/catolicos-acusam-allan-kardec-de-racista-ebook>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- 03 - ***Allan Kardec e o conceito racista de sua época***: <https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-e-o-conceito-racista-de-sua-epoca>, Acesso em: 14 ago. 2024.
- 04 - ***Racismo em Kardec?***: <https://paulosnetos.net/article/racismo-em-kardec>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- 05 - ***Allan Kardec foi racista só para os desinformados***: <https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-foi-racista-so-para-os-desinformados>, Acesso em: 14 ago. 2024.

II - COLABORADORES

- 06 – ***Espiritismo e racismo***, Beto Ramos:
<https://paulosnetos.net/article/beto-ramos-espirtismo-e-racismo>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- 07 – ***Kardec: racista ou vítima de preconceito?***, Cesar Boschetti: <https://paulosnetos.net/article/cesar-boschetti-kardec-racista-ou-vitima-de-preconceito>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- 08 – ***Racismo: preconceito contra Kardec***, Dr. Iso Jorge Teixeira: <https://paulosnetos.net/article/iso-jorge-teixeira-racismo-preconceito-contra-kardec>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- 09 – ***Kardec, racismo e espiritismo: uma reflexão***, Jorge Hessen: <https://paulosnetos.net/article/jorge-hessen-kardec-racismo-e-espirtismo-uma-reflexao>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- 09 – ***Kardec: o maior racista de todos os tempos***, Jorge Medeiros: <https://paulosnetos.net/article/jorge-medeiros-kardec-o-maior-racista-de-todos-os-tempos>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- 10 – ***Kardec era racista?***, Roberta Müller Scafuto Scoton: <https://paulosnetos.net/article/roberta-muller-scafuto-scoton-kardec-era-racista>. Acesso em: 14 ago. 2024.

- 11 - ***Allan Kardec pode ser considerado um racista?***,
Thiago T. Ferrari: <https://paulosnetos.net/article/thiago-toscano-ferrari-allan-kardec-pode-ser-considerado-um-racista>. Acesso em: 14 ago. 2024.

Nossas outras refutações ao site Montfort:

[A ciência desmente o Espiritismo?](#)

[Espiritismo: fácil refutar. Espírita: difícil convencer](#)

[Reencarnação, argumentos católicos contrários](#)

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; e 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 10.
- 2 ASSOCIAÇÃO CULTURAL MONTFORT, *Allan Kardec, um racista brutal e grosseiro*, link:
www.montfort.org.br/veritas/kardec.html,
www.montfort.org.br/veritas/kardec2.html e
www.montfort.org.br/veritas/kardec3.html
- 3 MUNANGA, *Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia*, link:
http://www.academia.edu/33385119/._Uma_abordagem_conceitual_das_no%C3%A7%C3%B5es_de_ra%C3%A7a_racismo_identidade_e_etnia_-_Kabengele_Munanga.
- 4 INCONTRI e GRZYBOWSK, *Kardec Educador – textos Pedagógicos de Hippolyte Léon Denizard Rivail*, p. 66.
- 5 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 291.
- 6 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 436-437.
- 7 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 297-298.
- 8 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 204.
- 9 KARDEC, *A Gênese*, p. 31.
- 10 KARDEC, *A Gênese*, p. 414-415.
- 11 KARDEC, *A Gênese*, p. 415.
- 12 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 296-303.
- 13 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 50.
- 14 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 57.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 148-149.
- 16 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 280-282.
- 17 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 51.
- 18 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 289-301.
- 19 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 15-16.
- 20 MOREIL, *Vida e Obra de Allan Kardec*, p. 23.
- 21 INCONTRI, *Para Entender Kardec*, p. 121.
- 22 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 297-298.

- 23 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 290-293.
- 24 KARDEC, *A Gênese*, p. 40.
- 25 KARDEC, *A Gênese*, p. 471-472.
- 26 KARDEC, *A Gênese*, p. 472.
- 27 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 260.
- 28 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 371-372.
- 29 SILVA NETO SOBRINHO, *Reencarnação Argumentos Católicos Contrários*, link: <https://paulosnetos.net/article/reencarnacao-argumentos-catolicos-contrarios>
- 30 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 11-15.
- 31 GONÇALVES, *Carta de Victorien Sardou a Allan Kardec*, link: <http://espiritismohistoria.blogspot.com/2011/04/carta-de-victorien-sardou-allan-kardec.html>
- 32 ÂNGELO, *Chimpanzé também é “gente”, diz estudo*. in. Folhaonline 21/05/2003, link: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u9156.shtml>
- 33 KARDEC, *A Gênese*, p. 232-234.
- 34 KARDEC, *A Gênese*, p. 253.
- 35 YAM, *A Inteligência em Questão*. in. Viver Mente&cérebro. Edição Especial nº 1, p. 7.
- 36 GOTTEFREDSON, *Inteligência Humana*. in. Viver Mente & Cérebro. Edição Especial nº 1, p. 22.
- 37 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 170-172.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 97-105.
- 39 FIGUEIREDO, *O Polêmico Texto de Kardec sobre a Raça Negra*. in. Revista Universo Espírita, nº. 24, p. 32-39 – passim.
- 40 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 205-207.
- 41 SILVA NETO SOBRINHO, *Reencarnação no Contexto Histórico*, link: <https://paulosnetos.net/article/reencarnacao-no-contexto-historico>

- 42 KERSTEN, *Jesus Viveu na Índia*, p. 240-241.
- 43 ANDRADE, *Você e a Reencarnação*, p. 28.
- 44 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 600.
- 45 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 416.
- 46 SILVA NETO SOBRINHO, *Josefo, os Fariseus e a Reencarnação*, link: <https://paulosnetos.net/article/josefo-os-fariseus-e-a-reencarnacao>
- 47 BERG, *As Rodas da Alma*, p. 29.
- 48 ALEIXO, *Reencarnação - Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, Lei de Deus*, p. 21.
- 49 PHOPHET, *A Reencarnação, o Elo Perdido do Cristianismo*, p. 134.
- 50 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 340-341.
- 51 SILVA NETO SOBRINHO, *Católicos acusam Allan Kardec de racista*, link: <https://paulosnetos.net/article/catolicos-acusam-allan-kardec-de-racista-ebook>
- 52 SILVA NETO SOBRINHO, *Racismo em Kardec?*, link: <https://paulosnetos.net/article/racismo-em-kardec>